



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO E MEIO
AMBIENTE-PRODEMA/UFPB
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE**



SIMONE DA SILVA

**CONHECIMENTO BOTÂNICO LOCAL DE PLANTAS MEDICINAIS EM UMA
COMUNIDADE RURAL NO AGRESTE DA PARAÍBA (NORDESTE DO BRASIL)**

João Pessoa-PB

2018

SIMONE DA SILVA

**CONHECIMENTO BOTÂNICO LOCAL DE PLANTAS MEDICINAIS EM UMA
COMUNIDADE RURAL NO AGRESTE DA PARAÍBA (NORDESTE DO BRASIL)**

Dissertação apresentada ao Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente-PRODEMA da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente.

Linha de pesquisa: **Conservação da Biodiversidade, sociodiversidade e etnoecologia**

Orientadora: Prof. Dr^a. Kallyne Machado Bonifácio

João Pessoa-PB

2018

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S598c Silva, Simone da.

Conhecimento botânico local de plantas medicinais em uma comunidade rural no Agreste da Paraíba (Nordeste do Brasil) / Simone da Silva. - João Pessoa, 2018.

75 f. : il.

Orientação: Kallyne Machado Bonifácio.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCEN.

1. Etnobotânica. Plantas medicinais. Conhecimento Loc.

I. Bonifácio, Kallyne Machado. II. Título.

UFPB/BC

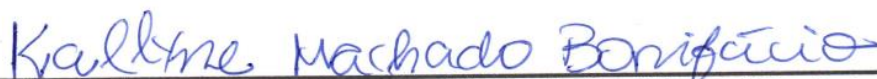
SIMONE DA SILVA

**CONHECIMENTO BOTÂNICO LOCAL DE PLANTAS MEDICINAIS EM UMA
COMUNIDADE RURAL NO AGRESTE DA PARAÍBA (NORDESTE DO BRASIL)**

Dissertação apresentada ao Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente-PRODEMA da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente.

João Pessoa 30 de agosto de 2018.

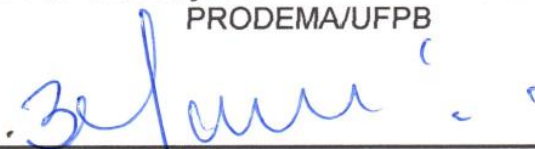
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr^a. Kallyne Machado Bonifácio - Orientadora
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente-
PRODEMA/UFPB



Prof. Dr. Reinaldo Farias Paiva de Lucena - Examinador interno
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente-
PRODEMA/UFPB



Prof. Dr. Carlos Antonio Belarmino Alves - Examinador externo
Universidade Estadual da Paraíba-UEPB - campusIII

Dedico está pesquisa especialmente a minha mãe Maria do Livramento

“Sê humilde para evitar o orgulho, mas voa alto para alcançar a sabedoria”.

(Santo Agostinho)

AGRADECIMENTOS

A Deus, que proporcionou na minha vida, todas as conquistas profissionais e pessoais.

Ao programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente-PRODEMA/UFPB, pela a oportunidade de realizar mais um sonho profissional.

Aos professores que tive a oportunidade de compartilharmos conhecimentos, em especial a orientadora dessa pesquisa a professora Kallyne Bonifácio e ao professor Dr. Reinaldo Farias Paiva de Lucena, que admiro muito por todo seu acolhimento, seriedade com os alunos, obrigada!

Aos meus familiares em especial a minha mãe Maria do Livramento da Silva, minha irmã Fabiola Silva, minha sobrinha Héliida Firmino e ao meu companheiro de todas as horas Ramon Santos Souza. Obrigada!

Em especial aos moradores da Comunidade do Sítio Palmeira, pela atenção e compreensão em participarem mutuamente desta pesquisa, em especial a Agente Comunitária de Saúde, Maria José, pela dedicação em acompanhar-me as residências.

Agradeço a Prefeitura Municipal de Cuitegi em nome do gestor municipal Guilherme Madruga, pela compreensão.

Agradeço imensamente às pessoas que me acompanharam no campo e na leitura desta pesquisa, prof. Carlos Antonio Belarmino Alves, e meus amigos pesquisadores Wellington Miguel Dantas, Ana Maria Ferreira de Andrade, Danielli Rodrigues da Silva e Jonas Crescêncio da Costa.

Agradeço ao amigo pesquisador Joel por toda colaboração quanto a identificação e classificação botânica.

LISTA DE QUADROS

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Quadro 1 - Matriz do conhecimento tradicional.	13
Quadro 2 - Definição do conceito da Etnobotânica.	16
Quadro 3 - Fases histórica da Botânica no Brasil.	18

LISTA DE FIGURAS

CAPITULO I

MATERIAL E MÉTODOS

Figura 1 - Localização da comunidade estudada no Município de Cuitegi, Paraíba, Nordeste do Brasil.....30

Figura 2 - Principais equipamentos sociais da comunidade **A** - Cisternas para o armazenamento de água, **B** - Escola de Ensino Fundamental e **C**- Unidade Básica de Saúde - âncora do PSFI. 32

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Figura 3 - Famílias botânicas que obtiveram maiores números de espécies. A cor azul = espécies exóticas, cor amarela= espécies nativas.....42

Figura 4 - N° de citações das espécies de preferência dos moradores da comunidade da Palmeira, Cuitegi-PB.....42

Figura 5 - Espécies preferidas pelos moradores da comunidade, A - *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf,.(Capim santo), B-*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spr. (Hortelã da folha grossa) e C *Lippia alba* (Mill.)N.E.Br (Erva-cidreira).....43

Figura 6 - Sistemas Corporais classificados na pesquisa de acordo com as indicações terapêutica citadas, Comunidade da Palmeira, Cuitegi-PB. 46

Figura 7 - N° de citações dos locais de coleta das espécies utilizadas pelos moradores da comunidade da Palmeira, Cuitegi-PB.....57

Figura 8 - N° de citações dos locais de cultivo das espécies utilizadas pelos moradores da comunidade da Palmeira, Cuitegi-PB.....58

Figura 8 - Boxplot dos valores de uso. VUgeral=Valor de uso Geral VUatual = Valor de uso atual, VUpotencial = Valor de uso potencial. **** diferença significativa ($p \leq 0,05$), ns = diferença não significativa ($p \geq 0,05$).....66

Figura 9 - Gráfico de correlação entre valor de uso geral (VUgeral), valor de uso atual (VUatual), valor de uso potencial (VUpotencial) e importância relativa (IR). 66

LISTA DE TABELA

CAPITULO I

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tabela 1- Lista das plantas medicinais mais citadas pelos moradores da comunidade da Palmeira, Cuitegi-PB. NV= Nome vernacular. S = status: N = nativa, E = exótica. H= Hábito. NC= nº de citações. 36

Tabela 2 - Plantas medicinais citadas em entrevistas pelas populações das comunidades da Palmeira, Cuitegi-PB, com os respectivos nomes científicos e populares, parte utilizada, formas de preparo e uso local referido pelos informantes da pesquisa NV=Nome Vernacular, O=origem, E=Exótica, N=nativa, UL= Uso Local, PU= Parte Utilizada, FU=Forma Utilizada.....47

Tabela 3 - Plantas medicinais citadas pelos informantes, VU_{geral}, VU_{atual}, VU_{potencial}, IR, comunidade, Palmeira, Cuitegi-PB.....59

Tabela 4 - Ranking das 10 espécies de plantas consideradas mais importantes para a comunidade rural da Palmeira, Cuitegi-PB (Nordeste do Brasil), com base em duas medidas quantitativas de importância relativa. VU = valor de uso (VU_{geral}, VU_{atual}, VU_{potencial}), IR = Importância Relativa.....67

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

a.C.	antes de Cristo
CCA	Centro de Ciências Agrárias
CNBs	Congresso Nacional de Botânica
CPRM	Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IR	Importância Relativa
Km	Quilômetro
MS	Ministério da Saúde
NP	Número de Propriedades
NPEV	Número total de propriedades atribuída á espécies mais versátil
NSC	Número de Sistemas Corporais
NSCE	Número de sistemas corporais tratado por uma determinada espécie
NSCEV	Número de sistema corporais tratado pela espécie mais versátil
OMS	Organização Mundial da Saúde
PB	Paraíba
PSF	Programa Saúde da Família
SBB	Sociedade Botânica do Brasil
SUDEMA	Superintendência do Desenvolvimento do Meio Ambiente
SUS	Sistema Único de Saúde
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
PRODEMA	Programa de Pós-graduação e Desenvolvimento e Meio Ambiente
VU _{geral}	Valor de Uso Geral
VU _{atual}	Valor de uso atual
VU _{potencial}	Valor de uso potencial

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO GERAL	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
2.1 Conhecimento tradicional	13
2.2 Etnobotânica os antecedentes históricos	15
2.3 Uso de plantas medicinais.....	17
REFERÊNCIAS.....	20
CAPÍTULO I.....	26
ETNOBOTÂNICA DE PLANTAS MEDICINAIS NA COMUNIDADE RURAL PALMEIRA NO MUNICÍPIO DE CUITEGI-PB	26
RESUMO.....	27
ABSTRACT	28
1 INTRODUÇÃO	28
2 MATERIAL E MÉTODOS	29
2.1 Caracterização da área de estudo	29
2.2 Comunidade estudada	31
2.3 Coleta das informações	32
2.4 Análise dos dados	33
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	35
3.1 Riqueza observada das espécies.....	35
3.2 Partes utilizadas, modo de preparo e sistemas corporais	39
3.3 Local de coleta	52
3.4 Importância Relativa (IR) das plantas medicinais da comunidade da Palmeira, Cuitégi-PB.....	54
3.5 Distribuição do conhecimento entre os informantes.....	59
3.6 Diversidade de usos e importâncias das plantas	60
4 CONCLUSÃO.....	63
REFERÊNCIAS.....	63
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
ANEXO	72
Anexo A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	73
Anexo B- Formulário Etnobotânico	74

1 INTRODUÇÃO GERAL

O uso de espécies vegetais com finalidades terapêuticas é uma prática milenar. Em diversos países a cultura de fazer preparos caseiros para o tratamento de enfermidades, tem sua origem de muitas culturas. A maioria dos grupos culturais faz uso de plantas como recurso terapêutico e utilizam de maneira alternativa à medicina ocidental (VENDRUSCOLO; MENTZ, 2006; MAIA, et al., 2011).

Os povos tradicionais são grupos que apresentam uma diversidade cultural e possuem sua própria organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais, utilizando conhecimentos e práticas transmitidas pela tradição, com destaque para a medicina tradicional que envolve o conhecimento e uso das plantas medicinais (AMOROZO, 2008; MINISTÉRIO DA SAÚDE-MS, 2009).

A etnobotânica contextualiza-se como o estudo das inter-relações que se estabelecem entre os seres humanos e as plantas. Sendo assim, a pesquisa etnobotânica é uma importante ferramenta para levantar, registrar e compreender os dados sobre o saber local e o uso das plantas em uma determinada comunidade e dessa forma, colaborar com o resgate dos conhecimentos tradicionais, apresentando informações relevantes sobre uso das plantas e função terapêutica (COSTA, 2002; VENDRUSCOLO, 2004; SOUSA et al., 2007; MOSCA; LOIOLA, 2009; OLIVEIRA et al., 2009; VENDRUSCOLO; MENTZ, 2010; ALBUQUERQUE, 2010; MAIA et al., 2011; ALENCAR, 2012; CARVALHO et al., 2013; ALMEIDA NETO, 2015; GOIS et al., 2016; ALBUQUERQUE, et al., 2017; GOMES et al., 2017; NERI et al., 2018; SILVA, 2018).

Pesquisadores em etnobotânica necessitam aplicar métodos e técnicas pertinentes e multidisciplinar entre botânicos, antropólogos, geógrafos, químicos, farmacologistas e biólogos, entre outros profissionais (STEENBOCK, 2006). Dessa forma, promovendo o reconhecimento e a valorização das práticas tradicionais e populares do uso de espécies vegetais, que se destacam ao contribuir com informações para uso e conservação de espécies da flora. Devido ao seu caráter multidisciplinar, a etnobotânica contrubui com uma diversidade de tópicos, podendo ser associados aos fatores culturais e ambientais (OLIVEIRA et al., 2009).

Algumas espécies de plantas citadas em estudos etnobotânicos no Brasil carregam o nome vernacular semelhantes, além dos diversos usos e indicação terapêutica (SIQUEIRA, 2017). Portanto, o estudo destaca-se pela importância para a manutenção e resgate dos conhecimentos locais da comunidade estudada, além do despertar dessas populações sobre a importância de se conservar os recursos vegetais.

Diante desse contexto, parte-se do pressuposto que as espécies vegetais utilizadas na cura e prevenção de enfermidades pelos moradores da comunidade, têm grande representatividade para as pessoas, quando se considera a diversidade de espécies da flora local.

Conforme o exposto, o objetivo geral desta pesquisa é registrar os usos das plantas medicinais, utilizadas pelos moradores da comunidade rural Palmeira, Cuitegi (Paraíba, Nordeste do Brasil). Como objetivos específicos, buscou-se: identificar a importância das plantas medicinais para os moradores da comunidade; e comparar o elenco das plantas medicinais de acordo com os usos e importância local.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Conhecimento tradicional

O conhecimento tradicional conceitua-se como o saber e o saber-fazer a respeito do mundo natural, sobrenatural que pode ser gerado no ambiente da sociedade urbana/industrial, transmitido oralmente de geração em geração (DIEGUES, 2004). A denominação de “população tradicional” está no debate com várias discussões e seu efeito ultrapassa diversos problemas políticos, ambientais, territoriais e tecnológicas (PEREIRA; DIEGUES, 2010).

Dentre esses saberes locais existem um conhecimento detalhado de caráter taxonômico, sobre constelações, plantas, animais, fungos, rochas, neves, águas, solos, paisagens, vegetação etc. Segundo a matriz do conhecimento descrita no (Quadro 1) (TOLETO; BASSOLS, 2010) (Quadro 1).

Quadro 1- Matriz do conhecimento tradicional.

	Astronômico	Física			Biológica	Ecogeográfica
		Atmosfera	Litosfera	Hidrosfera		
Estrutural	Tipos de astros	Tipos de clima, ventos e nuvens	Unidades de relevos	Tipos de água	Plantas, animais, fungos, micróbios	Unidades de vegetação e paisagens
Relacional	Vários	Vários	Vários	Vários	Vários	Vários
Dinâmico	Movimento e ciclos solares, lunares e estelares	Movimento dos ventos e nuvens	Erosão dos solos	Movimento das águas	Ciclo de vida	Sucessão ecológica
Utilitário	Vários	Vários	Vários	Vários	Vários	Vários

Fonte: adaptada de Toletto; Bassols (2010).

A matriz da geração do conhecimento envolve a relação com a dimensão cognitiva e prática dos indivíduos. São vários os termos utilizados pelos povos tradicionais para dinamizar e conceitualmente as diversas unidades no espaço. Pois, cada povo possui termos próprios para designar nomes de espécies vegetais e animais, relevo, planícies, etc. resultando em uma vasta classificação de topônimos que denotam a características peculiares da cultura local e das experiências dos indivíduos (TOLETO; BASSOLS, 2010).

O saber tradicional inclui as percepções e explicações que se define paisagem, geomorfologia, relação entre os diferentes direta entre os seres vivos tendo em viata o ambiente físico (ALBUQUERQUE, 2005).

Conforme a essa associação que uni as características dos povos tradicionais, principalmente no que se refere à utilização dos recursos naturais e ao processo oral de perpetuação do conhecimento intrínseco dessas comunidades (PEREIRA; DIEGUES, 2010).

Dessa forma, em 2007 o Brasil, aprova a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), foi instituída, por meio do Decreto nº 6.040. Esta política foi uma ação do Governo Federal que busca promover o desenvolvimento sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

Art. 3º compreende-se por:

Iº Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, DECRETO Nº 6.040, DE 7 DE FEVEREIRO DE 2007).

As comunidades detem um sistema próprio de manuseio dos recursos naturais, resultado de longos anos de experiências acumulada pela relação com os recursos naturais, utilizados para suprir suas necessidades básicas usando tais recursos sem agredir o meio ambiente (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002).

Neste contexto, surgiu as discussões acerca da etnoconservação, que remete ao ano de 1952, tendo início com os estudos desenvolvidos por Balick e Cox sobre o uso de plantas por populações indígenas, a partir do qual diversas pesquisas passaram a procurar vínculos entre a conservação e o manejo dos recursos naturais por populações tradicionais (PEREIRA; DIEGUES, 2010).

Tendo em vista os aspectos conceituais da etnoconservação, que procurava caracterizar as “populações tradicionais”, para então compreender a difusão dos seus conhecimentos, presentes nos estudos que envolvem a etnociência, no âmbito da etnoconservação como os estudos de (DIEGUES, 2000; ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002; ALBUQUERQUE, 2005; TOLEDO; BARRERA-BOSSOLS, 2010; PEREIRA; DIEGUES, 2010; MOREIRA, 2010; ELOY et al., 2015).

Os povos e comunidades tradicionais desempenham uma função primordial e fundamental para a conservação da biodiversidade local, pois muitos dos recursos tem-se mantido, devido às práticas de conservação empregadas pelos saberes tradicionais. Atualmente um dos grandes desafios é regatar e proteger esse conhecimento, não para se manter isolado, mas que as pesquisas científicas promovam uma possibilidade de diálogo entre essas comunidades promovendo a perpetuação desses saberes (ELOY et al., 2014).

Assim, o saber tradicional versus conhecimento científico, faz-se necessário compreender a flexibilidade dos saberes e como se reproduz, permitindo-se entender a capacidade e a essência do conhecimento ecológico local (MOREIRA, 2010). Esse saber aliado ao conhecimento científico torna-se mais que uma área científica é uma possibilidade na perspectiva da prevenção e manejo dos recursos naturais (PEREIRA; DIEGUES, 2010). Os estudos etnoecológicos representam, portanto, um ponto de inter-relação entre a biodiversidade e a sociobiodiversidade (HANAZAKI, et al., 2010).

2.2 Etnobotânica os antecedentes históricos

A definição do termo etnobotânica deve-se ao americano J. W. Harshberger, em 1895, apresentou um conceito cientificamente aceitável em um artigo publicado em 1896. Inicialmente apontada como o uso de plantas por aborígenes, o que provocava uma complexidade de pesquisas, Harshberger definiu que a etnobotânica auxiliava na posição cultural das tribos que usam plantas para a alimentação, abrigo ou vestuário (ALBUQUERQUE, 2005; STEENBOCK, 2006) (Quadro 2).

Outro conceito apresentado foi que a etnobotânica estudava as fases de dependência do homem com relação as plantas e o ambiente em que vivem (SCHULTES, 1941). Logo, foi definida como uma ciência que estudava inter-relação passadas e presentes entre pessoas e plantas na diversidade que envolve a botânica, antropologia, ecologia e história (JAIN; SAKLANI, 1991; PRENCE, 2000). Constituindo-se de uma análise interativa e dinâmica entre a simbologia que envolve o natural (botânico) e o cultural. O conhecimento botânico desenvolvido por qualquer sociedade aliado aos mitos, divindades, espíritos, cantos, danças, ritos, etc. Exemplificam, isso com rituais de coletas de plantas medicinais ou mágicas e a designação e a atribuição de espíritos e divindades (ALBUQUERQUE, 2005) conforme o quadro.

Quadro 2 - Definição do conceito da Etnobotânica.

Autores/ano	Definições de Etnobotânica
Harshberger (1895)	“o estudo das plantas utilizadas pelos povos primitivos ou aborígenes”;
Jones (1941)	“o estudo das inter-relações entre o homem primitivo e as plantas”;
Schultes (1967)	“homem primitivo” definindo que a etnobotânica é “o estudo das relações entre o homem e seu ambiente vegetal”;
Hernandez-Xolocotzi (1976)	“ A partir do homem primitivo define a etnobotânica como o estudo das relações entre o homem e seu ambiente vegetal”;;
Ford (1980)	“a totalidade das pessoas e das plantas em uma cultura e a inter-relação direta das pessoas com as plantas”.
Alcorn (1995)	“O estudo das inter-relações entre os seres humanos e as plantas inseridas em ecossistemas dinâmicos constituídos por componentes naturais e sociais”.
Alexiades (1996)	“ É O estudo das sociedades humanas, passadas e presentes, e suas interações ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais com as plantas”.
Albuquerque (2005)	“A etnobotânica constitui-se de uma análise interativa e dinâmica entre os símbolos, o natural (botânico) e o cultural”.
Albuquerque (2017)	“Etnobotânica reúne pesquisadores de diferentes origens e orientações teóricas e epistemológicas, estabelecendo uma base de diferentes perspectivas científicas, tais como a antropologia, botânica, ecologia, genética, evolução e economia”.

Fonte: Adaptado de Plotkin, (1991); Albuquerque (2005); Steenbock, (2006).

No âmbito das pesquisas etnobotânicas, o pesquisador conhece a cultura e o cotidiano da comunidade estudada, os conceitos locais de doença/saúde, o modo como a comunidade utiliza os recursos naturais para a cura de enfermidades, atrair ou afastar animais, construções de habitações, etc. Esse conhecimento adquirido deve-se ser repassado para meio científicos, com os devidos cuidados para não ocorrer erros de interpretações (PATZAFF; PEIXOTO, 2009). Complementa Albuquerque et al., (2017) que os etnobotânicos precisam estar atentos aos aspectos éticos existentes nos diferentes estágios de sua pesquisa. Estes requisitos pautam-se nos princípios éticos legais e morais, em compromisso do pesquisador com o informante da pesquisa e como esse retorno chega até o ambiente investigado.

Esta área do conhecimento vem crescendo cientificamente sendo fundamental na busca da compreensão e da relação entre populações específicas e o domínio vegetal. Um campo de estudo que congrega princípios, conceitos e metodologias de diversas áreas, num processo de abertura para dialogar não apenas com o conhecimento científico. Mas, com a diversidade de tópicos que envolve a dinamicidade de outras ciências como: Antropologia, Botânica, Ecologia, Farmacologia, Medicina, Saúde pública, Agronomia, Linguística, economia, Biologia, Geografia etc. (HAVERROTH, 2010).

Os estudos científicos no Brasil, começaram na metade do século XX. Herança dos trabalhos pioneiros na região amazônica, realizados pelos pesquisadores R.E. Schultes e D. Posey a partir da década de 1940. Posteriormente, nos Anais dos Congressos Nacionais de Botânica (CNBs) do final da década de 1980, foram identificadas novas áreas temáticas denominadas de “Etnobotânica e Botânica Econômica”, “Botânica Aplicada e Conservação”, “Botânica Aplicada e Etnobotânica” e simplesmente “Etnobotânica” ou “Botânica Econômica” (MING, 2006).

Já nos anos 90, o CNB realizado em Ribeirão Preto - SP, a etnobotânica obteve um avanço no meio científico nacional, discutido na “Comissão de Etnobotânica” da Sociedade Botânica do Brasil (SBB). Aos destaques perante os artigos científicos destacaram-se nos anos de 1990 a 2007 com aproximadamente 64% das publicações e as demais com contribuições teóricas e metodológicas priorizando a relações pessoas/plantas (OLIVEIRA et al., 2009).

Dessa form, o País, destaca-se diante da diversidade biológica e cultural, tornando-se um campo fértil para os estudos das etnociências dentre essas a etnobotânica se sobressai como uma área que mantém um conjunto de professores e pesquisadores com um repertório de publicações e experiências consolidadas. Devido à realização de trabalhos científicos, vem obtendo-se, a cada ano, um espaço maior entre as sociedades científicas não só no país, mas internacionalmente (MING, 2006).

Portanto, entende-se que a etnobotânica como uma ciência que busca analisar a inter-relação entre o homem e as plantas, regatando-se os conhecimentos tradicionais entre as gerações (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002; ALBUQUERQUE, 2005; STEENBOCK, 2006; AMOROZO, 2008). Para tanto, as pesquisas etnobotânicas esclarecem as diferenças importantes entre as formas com que as pessoas usam e percebem a natureza (ALBUQUERQUE E ANDRADE, 2001; ALBUQUERQUE, 2005; YOUNG, 2006; ALENCAR et al., 2006; STEENBOCK, 2006; KUBO, et al., 2009; HAVERROTH, 2010; ALBUQUERQUE et al., 2017).

2.3 Uso de plantas medicinais

A vida vegetal existe na Terra por centenas de milhões de anos. A maioria dos cientistas enfatizam que as plantas criaram essa atmosfera propícia para o desenvolvimento da vida humana (YOUNG, 2006). Historicamente, as potencialidades dos usos dos vegetais foram descritas pelos Babilônicos, Assírios, Hebreus, Gregos, Egípcios, chineses e Indianos, que continham um vasto conhecimento que encontrava-se preservado em documentos com

transcrições em Papiro de Ebers e Papiro de Smith (há 1500 a. C), esses escritos de origem Egípcios contendo mais de 700 tipos de remédios com uso de plantas (BAKER 1968; ANDERSON, 1977; PIRES, 1984; MEDEIROS, 2009) (Quadro 3).

Quadro 3 - Fases histórica da Botânica no Brasil.

Período	Séculos	Acontecimentos
Cronistas missionários e	Séculos XVI até meados do século XVII	- Carta de Pero Vaz de Caminha (1450-1500); - O tratado descritivo do Brasil de Gabriel Soares de Souza (1540-1591); - História dos Animais e Árvores do Maranhão (1625-1631) de Frei Cristóvão de Lisboa (1583-1652).
O Brasil holandês	Holandeses no Nordeste Brasileiro (1637 – 1644)	- Historia Naturalis Brasiliae (1648)
Despertar dos brasileiros	Segunda metade do século XVIII	Destaca-se o médico e naturalista Manuel Arruda da Câmara (1752-1811); - Naturalista Frei José Mariano da Conceição Velloso (1742-1811).
Naturalistas viajante e institucionalização científica	Século XIX até meados do século XX	- Flora Brasiliensis, obra produzida entre 1840 e 1906 com a participação de 65 botânicos de vários países; - Livro Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros (1844); - Criação da Universidade de São Paulo em 1934, com contribuições para institucionalização da Botânica no Brasil.
Brasil contemporâneo	A partir de 1950	- Criação das agências de fomento as pesquisas científicas; - Programas de Pós-graduação; - Centro de pesquisas.

Fonte: Adaptada de Medeiros, (2009).

Conforme, os primeiros registros dos usos das plantas com fins medicinais foram encontrados em Babylon cerca de 1770 a.C. no Código de Hammurabi e no antigo Egito cerca de 1550 a.C. as plantas encontradas em Giza nas pirâmides provaram que os antigos egípcios acreditavam que essas espécies tinham importância após a morte espiritual de seus faraós. Os exércitos árabes, em tempos de guerra, retornaram rotineiramente de suas conquistas com muitas novas plantas. No velho mundo, as plantas eram muitas vezes consideradas como moeda: comércio antigo, as rotas estabelecidas para as vendas de especiarias e de plantas

exóticas. Os colonizadores espanhóis mantiveram registros das plantas usadas pelos povos nativos que encontraram quando chegaram nas Américas (YOUNG, 2006; JORGE, 2009).

Os usos da natureza foram se modificando ao longo do tempo. Entre os séculos XI e XIII, com as cruzadas, tem-se a entrada maciça de especiarias no ocidente. Já nos séculos XV e XVI, os pratos condimentados com aromas do Oriente ganham valor nas mesas europeias. No século XVII, é levado das Américas para a Europa o chocolate a partir do cacau (*Theobroma cacao* L.). No século XVIII começa a diminuir a tendência do uso das especiarias (MEDEIROS, 2009). A história das plantas medicinais passa pela contextualização do processo de colonização e intercala-se com a evolução dos estudos botânicos no país. Os primeiros relatos de referências fitológicas são descritos pelo padre José de Anchieta e os jesuítas do período colonial (PIRES, 1984).

Assim, os estudos sobre o uso de plantas podem resultar tanto de pesquisas voltadas para o levantamento das informações sobre o uso de espécies por sociedades presentes, quanto da investigação das inter-relações das sociedades humanas e como o uso de plantas na história (MEDEIROS, 2009).

Complementa-se que a história das plantas medicinais está diretamente ligada com a história da botânica. No Brasil, os documentos produzidos durante esse período de colonização, relaciona-se diretamente com a evolução dos estudos botânicos (MEDEIROS, 2009). A prática do uso de espécies de cunho medicinal evolve uma série de conhecimentos acumulados mediante a relação direta dos seus povos e comunidades com o meio ambiente e vem formando um conjunto de informações que formula o conhecimento tradicional que é repassando oralmente entre os grupos familiares (MOREIRA, 2002).

Os fatores ligados à riqueza de conhecimento e compartilhamento de informações sobre plantas medicinais, destaca-se pelas principalmente as pessoas idosas, geralmente ligadas ao campo, como agricultor, vaqueiro, rezadeiras, etc, sendo importante destaca a relação direta desses indivíduos com a flora local e com os demais moradores dessas comunidades comumente conhecidos como os detentores do conhecimento do uso das plantas ou especialistas locais (ALENCAR, 2015).

Contudo, atualmente vem sendo investigadas em várias pesquisas científicas com foco etnobotânico, os usos das espécies vegetais para fins terapêuticos em comunidades rurais no Brasil (PINTO, et al, 2006; SOUZA et al., 2007; OLIVEIRA et al., 2010; ROQUE, et al., 2010; MAIA, et al., 2011; CARVALHO et al., 2013; ALMEIDA NETO, et al., 2015; GOIS, et al., 2016; GOMES et al., 2017).

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P. **Catálogo de plantas medicinais da Caatinga: guia para ações de extensão.** Bauru, SP: canal 6, 2010. 68.p
- ALBUQUERQUE, U. P. **Etnobiologia e biodiversidade.** Coordenação Natália Hanazaki. Recife: NUPEEA. Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2005.78p.
- ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução à etnobotânica.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005. p.93
- ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L.H.C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Rev. Acta Bot. Bras.** v.16, 2002. p.273-285.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA. R. F. P.; ALENCAR, N. L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA.R.F.P.; CUNHA, L. V. F. C. **Métodos na pesquisa etnobiológica e etnoecológica.** Recife: NUPEEA, 2010. p. 41-64.
- ALBUQUERQUE, U. P.; RAMOS, M. A.; JÚNIOR, W. S. F.; MEDEIROS, P. M. **Ethnobotany for Beginners.** Springer briefs in plant Science, 2017.
- ALBUQUERQUE, U.P., OLIVEIRA, R. F. Is the use-impact on native caatinga species in Brazil reduced by the high species richness of medicinal plants? **Journal of Ethnopharmacology**, 113, 2007, p.156–170.
- ALBUQUERQUE, U.P., Re-examining hypotheses concerning the use and knowledge of medicinal plants: a study in the Caatinga vegetation of NE Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine.** v.2, n.30. 2006, p. 1-10.
- ALENCAR, N. L. **Farmacopéias tradicionais: o papel das plantas medicinais na sua constituição, formação e manutenção em comunidades da Caatinga** (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação em Botânica -Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2012, 129p.
- ALENCAR, N.L.; MEDEIROS, P.M.; ALBUQUERQUE, U.P. **Atualidade em Etnobiologia e Etnoecologia.** Nupeea/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2006. p.200.
- ALEXIADES, M. **selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual.** New York: New York Botanical Garden, 1996.
- ALMEIDA NETO, J. R.; BARROS, R. F. M.; SILVA, P. R. R. Uso de plantas medicinais em comunidades rurais da Serra do Passa-Tempo, estado do Piauí, Nordeste do Brasil. **R. bras. Bioci.** Porto Alegre, v. 13, n. 3, 2015 p.165-175.
- AMOROZO, M.C.M. **A perspectiva etnobotânica na conservação de biodiversidade.** Departamento de ecologia, instituto de biociências UNESP, 2008.
- ANDERSON, F.J. **An illustrated history of the herbals.** Columbia University Press, New York, 1977.

BAKER, H.G. **Las plantas y la civilizacion**. 1 ° ed. Herrero Hermanos Sucesores S. A., Ciudad de México, 1968.

CARVALHO, J.S.B.; MARTINS, J.D.L.; MENDONÇA, M.C.S.; LIMA, L.D. Uso popular das plantas medicinais na comunidade de Várzea, Guaranhuss-PE. **Rev. de Biologia e Ciência da Terra**. v.13, n 2, 2013, p.58-62.

COSTA, M. A. G. **Aspectos etnobotânicos do trabalho com plantas medicinais realizado por curandeiro no município de Ipiranga, SP**. Botucatu: Dissertação apresentada a faculdade de ciências agrônômica da UNESP- campus Botucatu, 2002, 134p.

DECRETO Nº 6.040, DE 7 DE FEVEREIRO DE 2007. **Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em 10 de fevereiro de 2017.

DIEGUES, A. C. Etnoconservação d a natureza: enfoques alternativos. In: DIEGUES, A. C. (Org.). **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. 2ª edição - São Paulo: NUPAUB-USP: Hucitec: Annablume, 2000b. Disponível em:<<http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/750/2/Biodiversidade%20e%20comunidades%20tradicionais%20no%20Brasil.pdf>>. Acesso em 11 de novembro de 2017.

DIEGUES, A. C. Saberes Tradicionais e Etnoconservação. In: DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R.S.V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente - MMA, 2000a. p.211. Disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/750/2/Biodiversidade%20e%20comunidades%20tradicionais%20no%20Brasil.pdf>>. Acesso em 11 de novembro de 2017.

DIEGUES, A. C. Saberes Tradicionais e Etnoconservação.In: DIEGUES, A. C.; VIANA, V.M. (Org). **Comunidades tradicionais e manejo dos recursos naturais da Mata Atlântica**. Editora HUCITEC/NUPAUB/CEG, São Paulo, 2004, p.237.

ELOY, C. C., VIEIRA, D. M., DE LUCENA, C. M.; DE ANDRADE, M. O. Apropriação e proteção dos conhecimentos tradicionais no Brasil: a conservação da biodiversidade e os direitos das populações tradicionais. **Gaia Scientia**, v.8, n.2, 2014, p 189-198.

FERREIRA, L. B.; RODRIGUES, M. O.; COSTA, J. M. Etnobotânica das Plantas Medicinais Cultivadas nos Quintais do Bairro de Algodual em Abaetetuba/PA. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v10, n 3, 2017, p. 220-372.

FIEBIG, G. Á. PASA, M. C. As plantas medicinais na comunidade Passagem da Conceição, Mato Grosso, Brasil. **Advances in Forestry Science**, v. 5, n. 1, 2018, p. 237-248.

GOIS, M.A.F.; LUCAS, F.C.A; COSTA, J.C.M; MOURA, P.H.B.; LOBATO, G. DE J.M. Etnobotânica de espécies vegetais medicinais no tratamento de transtornos do sistema gastrointestinal. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Campinas, v.18, n.2, 2016. p.547-557.

GOMES, T. B.; BANDEIRA, F. P. S. F. Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola no Raso da Catarina, Bahia. **Acta Botanica Brasilica**, v. 26, n. 4, 2012, p.796-809,

GOMES, T. M. F.; LOPES, J. B.; BARROS, R. F. M.; ALENCAR, N. L. Plantas de Uso Terapêutico na Comunidade Rural Bezerro Morto, São João da Canabrava, Piauí, Brasil. **Gaia Scientia**, v11, n.1, 2017, p.253-268.

HANAZAKI, N.; GANDOLFO, E.S.; BENDER, M.G.; GIRALDI, M.; MOURA, E. A.; SOUZA, G.C.; PRINTES, R.; DENARDI, M.; KUBO, R.R. Conservação biológica e valorização sociocultural: explorando conexões entre biodiversidade e sociodiversidade. In: ALVES, A.G.C.; SOUTO, F.J.B.; PERONI, N. **Etnoecologia em perspectiva: natureza, cultura e conservação**. Recife: NUPEEA, 2010, 275p.

HAVERROT, M. Os desafios da pesquisa etnobotânica entre povos indígenas. In: SILVA, V.A.; ALMEIDA, A.L.S.; ALBUQUERQUE, U.P. **Etnobiologia e Etnoecologia: pessoas e natureza na América Latina**. Recife: NUPEEA, 2010, p.133-141.

JORGE,S.S.A.; MORAIS, R.G. **Etnobotânica de plantas medicinais**. 2009.

KUBO, R.R; TERME, C.M.; BASSI, J.B.; SOUZA, G.C.; O tempo da construção de um trabalho: a pesquisa Etnobiológica gerando pesquisa-ação. In: ARAÚJO, T.A.S; ALBUQUERQUE, U. P. **Encontros e desencontros na pesquisa etnobilógica e etnoecológica: os desafios do trabalho de campo**. Recife: NUPEEA, 2009. 288p.

LEMO, J. R.; ARAUJO, J. L. Estudo etnobotânico sobre plantas medicinais na comunidade de Curral Velho, Luís Correia, Piauí, Brasil. **Biotemas**, v. 28, n. 2, 2015, p. 125-136.

MAIA, E.A.; FRANCISCO, J.; PIRES, T.; MANFREDI-COIMBRA, S. O uso de espécies vegetais para fins medicinais por duas comunidades da Serra Catarinense, Santa Catarina, Brasil. **Rev. de Biologia e Ciência da Terra**. v.11, n 1, 2011, p.54-74 .

MEDEIROS, M.F.T. **Etnobotânica histórica: princípios e procedimentos**. Recife: NUPEEA/ Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2009, p84.

MING. L.C. Ensino da etnobotânica. In: KUBO, R.R.; BASSI, J.B.; SOUZA, G.C.; ALENCAR, N.L.; MEDEIROS, P.M.; ALBUQUERQUE, U.P. **Atualidade em Etnobiologia e Etnoecologia**. Nupeea/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2006. 200p.

MOREIRA, A. F. A natureza em perspectiva: reflexões sobre saberes ecológicos locais e conhecimentos científicos. In: ALVES, A.G.C.; SOUTO, F.J.B.; PERONI, N. **Etnoecologia em perspectiva: natureza, cultura e conservação**. Recife: NUPEEA, 2010, 275p.

MOREIRA, R. C. T. et al. Abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. **Acta farmacêutica bonaerense**, v. 21, n. 3, 2002 p. 205-211.

MOSCA, V. P.; LOIOLA, M. I. B. Uso de plantas medicinais no Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. Mossoró: **Revista Caatinga**. v22, n4, 2009, p.225-234.

MOURA, P. H. B.; LUCAS, F. C. A.; TAVARES-MARTINS, A. C. C.; LOBATO, G. D. J. M.; GURGEL, E. S. C. Etnobotânica de chás terapêuticos em Rio Urubueua de Fátima, Abaetetuba-Pará, Brasil. **Biotemas**, v. 29, n. 2, 2016, p. 77-88.

MS, MINISTÉRIO DA SAÚDE-BRASIL. **Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília: MS, 2009. 136 p.

NERI, G. F.; OLIVEIRA, T. L.; OLIVEIRA, V. J. D. S.; BRITO, N. M. Uso de Plantas Medicinais nas Unidades de Saúde da Família do Alto Sobradinho e Cocão do Município de Santo Antônio de Jesus-BA. **Ensaio e Ciência: C. Biológicas, Agrárias e da Saúde**, 2018, v.22, n.1, p.58-62.

OLIVEIRA, F. C. S.; BARROS, R. F. M.; MOITA NETO, J. M. Plantas medicinais utilizadas em comunidades rurais de Oeiras, semiárido piauiense. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 12, n. 3, 2010, p.282-301.

OLIVEIRA, F. C.; ALBUQUERQUE, U. P.; FONSECA-KRUEL, V. S.; HANAZAKI, N. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. **Revista Acta Botanica Brasilica**, v. 23, nº 2, 2009. p. 590-605.

PATZLAFF, R. G.; LUNA PEIXOTO, A. A pesquisa em etnobotânica e o retorno do conhecimento sistematizado à comunidade: um assunto complexo. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 16, n. 1, 2009, p237-246.

PEREIRA, B. E.; DIEGUES, A. C. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. **Desenvolvimento e Meio ambiente- Editora UFPR**. n.22, 2010, p. 37-50.

PINTO, E.P.P; AMOROZO, M.C.M; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica-Itacaré, BA, Brasil. **Acta botanica brasilica**, n.20, v.4: 2006, p. 751-762.

PIRES, M. J. P. **Aspectos históricos dos recursos genéticos de plantas medicinais**. Rodriguésia, 1984 p. 61-66.

REZENDE, H. A.; COCCO, M. I. M. A utilização de fitoterapia no cotidiano de uma população rural. **Rev. Esc. Enferm. USP**. v.36 n3, p. 283-292.

RIBEIRO, D. A.; MACÊDO, D. G.; OLIVEIRA, L. G. S.; SARAIVA, M. E.; OLIVEIRA, S. F.; SOUZA, M. M. A.; MENEZES, I. R. A. Potencial terapêutico e uso de plantas medicinais em uma área de Caatinga no estado do Ceará, nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v.16, n.4,2014, p. 912-930.

ROQUE, A. A.; ROCHA, R. M.; LOIOLA, M.I.B. Uso e diversidade de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (Nordeste do Brasil). **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 12, n.1, 2010, p. 31-42.

SANTOS, A. L. DA S.; PEREIRA, E. C. G.; ANDRADE, L. H. C. A construção da paisagem através do manejo dos recursos naturais e a valorização do etnoconhecimento. In: ALBUQUERQUE, U. P. DE; ALVES, A. G. C.; ARAÚJO, T. A. de S (orgs.). **Povos e paisagens: etnobiologia, etnoecologia e biodiversidade no Brasil**. Recife: NUPPEA/UFRPE, 2007. p. 62-73.

SANTOS, A., ARAÚJO, M., SOUSA, R., LEMOS, J. Plantas medicinais conhecidas na zona urbana de Cajueiro da Praia, Piauí, Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v18, n 2, 2016, p.442-450.

SCHULTES, R. E. La etnobotanica: su alcance y sus objetos. **Caldasia**, n 3, 1941 p.7-12.

SILVA, A. S. S. **Etnoconhecimento sobre plantas medicinais e inter-relações com o meio ambiente na comunidade do Catu, Canguaretama (RN, Brasil)**. (Dissertação de Mestrado) Natal: Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente-PRODEMA/UFRN, 2018.81p.

SILVA, L. E.; ALBUQUERQUE, U. P. AMARAL. W. Uso sustentável da biodiversidade e conservação de recursos naturais. **Guaju**, v. 3, n. 1, 2017. p. 2-10. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/guaju/article/view/53845>> Acesso em 20 de novembro de 2017

SILVA, S; ANSELMO, MARIA DA GLÓRIA VIEIRA, DANTAS, W.M., ROSA, J. H.; NUNES, E. N., SOARES, J. P., ALVES, C. A. B. Conhecimento e uso de plantas medicinais em uma comunidade rural no município de Cuitegi, Paraíba, Nordeste, Brasil. **Gaia Scientia**. v.8, n. 1. 2014, p.248-265.

SIQUEIRA, B. V.; SOARES, B. E., DE OLIVEIRA, D. R.; SAKURAGUI, C. M. The regionalization of medicalized vernacular names of medicinal plants in Brazil. **Scientometrics**, n.110, 2017, p.945-966.

SOUSA, C.G.; ARAÚJO, B.R.N.; SANTOS, A.T.P. Inventário etnobotânico de plantas medicinais na comunidade de Machadinho, Camaçari-BA: Porto Alegre: **Revista Brasileira de Biociências**. v. 5, n 1, 2007, p.549-551.

STEENBOCK, W. Etnobotânica, conservação e desenvolvimento local: uma conexão necessária em políticas do público. In: KUBO, R.R.; BASSI, J.B.; SOUZA, G.C.; ALENCAR, N.L.; MEDEIROS, P.M.; ALBUQUERQUE, U.P. **Atualidade em Etnobiologia e Etnoecologia**. Nupeea/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2006. 200p.

TOLEDO, V.M.; BARRERA-BOSSOLS, N. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. In: SILVA, V.A.; ALMEIDA, A.L.S.; ALBUQUERQUE, U.P. **Etnobiologia e Etnoecologia: pessoas e natureza na América Latina**. Recife: NUPEEA, 2010, p.13-36.

VÁSQUEZ, S.P.F., MENDONÇA, M. S. NODA, S. N. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. **Acta Amazônica**, v 44, n 4, 2014, p 457 -472.

VENDRUSCOLO, G. S. **Estudo etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais por moradores do Bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul**. Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Botânica da UFRGS, 2004. 276p.

VENDRUSCOLO, G. S.; MENTZ L. A. Estudo da concordância das citações de uso e importância das espécies e famílias utilizadas como medicinais pela comunidade do bairro, Ponta Grossa, Porto Alegre, RS, Brasil, *Rer. Acta bot. bras.* 20, nº2, 2010, p.367-382.

VENDRUSCOLOSO, G. S.; MENTZ, L. A. Levantamento etnobotânico das plantas utilizados como medicinais por moradores do bairro Ponta Grossa, Porta Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Rev. Iheringia, Sér. Bot.** v. 61, n 1-2, 2006, p.83-103.

VIANA, V. M. (Org). **Comunidades tradicionais e manejo dos recursos naturais da Mata Atlântica.** 2. ed. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB, 2004. p.9 -22. Disponível em:<http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/Comunidade%20Tradicionais001_4.pdf> Acesso em 12 de novembro de 2017.

VIEGA JUNIOR, V.F.; PINTO, A.C. Plantas medicinais: cura segura? **Revista quim. Nova**, v 28, n3, 2005, p.519-528.

YOUNG, K. J. **Ethnobotany.** (The green world), 2006, p121.

CAPÍTULO I

ETNOBOTÂNICA DE PLANTAS MEDICINAIS NA COMUNIDADE RURAL DA PALMEIRA NO MUNICÍPIO DE CUITEGI-PB¹

Simone da Silva, Ramon Santos Souza, Karollyne Júlia de Alustau Belarmino, Ezequiel da Costa Ferreira, Carlos Antônio Belarmino Alves, Reinaldo Farias Paiva de Lucena, Kallyne Machado Bonifácio

Artigo publicado

¹Plantas e animais medicinais da Paraíba: um olhar da etnobiologia e etnoecologia [recurso eletrônico] / organizadores, Reinaldo Farias Paiva de Lucena, Camila Marques de Lucena, Thamires Kelly Nunes Carvalho, Ezequiel Costa Ferreira. - Cabedelo, PB: Editora IESP, 2018. 280p.

ETNOBOTÂNICA DE PLANTAS MEDICINAIS NA COMUNIDADE RURAL DA PALMEIRA NO MUNICÍPIO DE CUITEGI-PB

Simone da Silva, Ramon Santos Souza, Karollyne Júlia de Alustau Belarmino, Ezequiel da Costa Ferreira, Carlos Antônio Belarmino Alves, Reinaldo Farias Paiva de Lucena, Kallyne Machado Bonifácio

RESUMO

A pesquisa registrou o uso, conhecimento e importância das plantas medicinais utilizados pelos moradores da comunidade rural da Palmeira, no Município de Cuitagi-PB, Nordeste do Brasil. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 74 informantes (chefes de famílias), com idade entre 23 e 98 anos, sendo 24 homens e 50 mulheres. Os entrevistados assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (Resolução 196/96). Aplicou-se o índice de IR, VU_{geral} , VU_{atual} e $VU_{\text{potencial}}$. O material botânico coletado em campo foi identificado, processado e incorporado no Herbário Jaime Coelho de Moraes (CCA-UFPB-Campus II). Foi utilizado para comparar VU_{geral} , VU_{atual} , $VU_{\text{potencial}}$ o teste Wilcoxon. Para avaliar a relação e semelhanças entre os VU_{geral} , VU_{atual} , $VU_{\text{potencial}}$ e IR foi realizado o teste de correlação de Spearman. Obteve-se um total de 1482 citações e 142 espécies (72 exóticas e 70 nativas), foram encontrados valores similares, pertencente a 64 famílias botânicas. As espécies mais citadas são *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. (Erva-cidreira) $n=65$ (4,39%). *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf (Capim santo) $n=63$ (4,25%). As famílias botânicas mais destacadas foram a Fabaceae $n=15$ (10,56%) e Lamiaceae $n=12$ (8,45%). As folhas foram a parte da planta mais utilizadas $n=738$ (49,80%). O Decocto obteve o maior número de citações $n=423$ (28,54%). As indicações terapêuticas referidas pelos informantes obtiveram 98 citações de uso diferentes. Dentre as afecções citadas, as que apresentaram os maiores números: tosse $n=273$ (18,42%), dor de barriga $n=184$ (12,42%) e transtornos do sistema digestório $n=315$ (25,78%). Identificou-se que os quintais é um ambiente no qual as famílias cultivam plantas $n=815$ (54,99%). A *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. (Erva cidreira) VU_{geral} (0,88). Valor de uso atual a *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. (Erva cidreira) ($VU_{\text{atual}}=0,73$) e o valor potencial *Anacardium occidentale* L. (Caju-roxo) ($VU_{\text{potencial}}=0,55$). A planta mais versátil foi a *Mentha x piperita* L (Hortelã da folha miúda) (IR = 2) mostrando-se com o maior número de citações de indicação terapêutica. Foram encontradas diferenças significativas entre o VU_{geral} e VU_{atual} e, entre VU_{atual} e $VU_{\text{potencial}}$. Não foi observado uma relação uma diferença significativa entre VU_{geral} e $VU_{\text{potencial}}$. Porém, houve uma relação positiva significativa entre todos os índices testado na pesquisa. Não existem diferenças estatísticas significativas quanto ao grupo etário das mulheres e as espécies citadas e origem. Entretanto, existem diferenças significativas entre o grupo etário das mulheres e as indicações terapêuticas. Atraves das análises realizadas, entende-se que as plantas medicinais são impotâtes para os moradores da comunidade da Palmeira, sendo utilizadas para diversos fins terapêuticos principalmente para o tratamento de afecções que atingem os sistemas digestório e respiratório.

Palavras-chave: Etnobotânica. Plantas medicinais. Conhecimento Local.

ABSTRACT

The present study registered the use, knowledge and importance of the medicinal plants used by the residents of the rural community of Palmeira, in the Municipality of Cuitegi-PB, Northeastern Brazil. Semi-structured interviews were conducted with 74 informants (heads of families), aged between 23 and 98 years, 24 men and 50 women. The interviewees signed the free and informed consent form (Resolution 196/96). The IR, VUgeneral, VUcurrent and VUpotential, was applied. The botanical material collected in the field was identified, processed and incorporated in the Herbarium Jaime Coelho de Moraes (CCA-UFPB-Campus II). It was used to compare VUgeneral, VUcurrent, VUpotential the Wilcoxon test. To evaluate the relationship and similarities between the VUgeneral, VUcurrent, VUpotencial and IR, the Spearman correlation test was performed. A total of 1482 citations and 142 species (72 exotics and 70 native) were found, similar values were found, belonging to 64 botanical families. The most cited species are *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. (Lemon balm) $n = 65$ (4.39%). *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf (Capim santo) $n = 63$ (4.25%). The most prominent botanical families were Fabaceae $n = 15$ (10.56%) and Lamiaceae $n = 12$ (8.45%). The leaves were the most used part of the plant $n = 738$ (49.80%). The Decoct obtained the largest number of citations $n = 423$ (28.54%). The therapeutic indications reported by the informants obtained 98 different citations of use. Among the conditions mentioned, those presenting the highest numbers were: cough $n = 273$ (18.42%), belly pain $n = 184$ (12.42%) and disorders of the digestive system $n = 315$ (25.78%). It was identified that the backyards is an environment in which the families cultivate plants $n = 815$ (54.99%). *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. (Lavender) VUgeneral (0,88). Current value for money *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. (VUcurrent = 0.73) and the potential value of *Anacardium occidentale* L. (Caju-roxo) (VUpotential = 0.55). The most versatile plant was the *Mentha x piperita* L (Mineral leafminer) (IR = 2) showing the highest number of therapeutic indication citations. Significant differences were found between VUgeneral and VUcurrent and, between VUcurrent and VUpotencial. No significant difference was observed between VUgeneral and VUpotencial. However, there was a significant positive relationship between all indexes tested in the research. There are no significant statistical differences regarding the age group of the women and the species cited and origin. However, there are significant differences between the group of the women and the therapeutic indications. Through the analyzes carried out, it is understood that the medicinal plants are important for the residents of the community of Palmeira, being used for various therapeutic purposes mainly for the treatment of affections that reach the respiratory and respiratory systems.

Keywords: Ethnobotany. Medicinal plants. Traditional knowledge.

1 INTRODUÇÃO

A medicina tradicional a nível mundial é o principal pilar de fornecimento aos serviços de saúde ou frequentemente chamada de medicina complementar. Historicamente, tem sido usada para manter a saúde, prevenir e tratar diversas patologias (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE-OMS, 2013).

Dessa forma, o uso das plantas medicinais envolve o empirismo tradicional que é comumente compartilhado entre as pessoas em diversas comunidades, diariamente por conversas entre amigos e familiares, observanso-se o modo de cultivo das espécies e o preparo do medicamento (FIEBIG; PASSA, 2018).

O manejo e conservação da biodiversidade envolve vários aspectos inter-relacionados entre si, tendo em vistas os fatores biológicos sociais e culturais (DIEGUES, 2000; ALBUQUERQUE, 2005). Essa inquietação foca em propostas de desenvolvimento sustentável, buscando integrar os conhecimentos ecológicos das comunidades locais (KUBO et al., 2009). Nessa perspectiva, a etnobotânica tem o objetivo de investigar a relação que o homem constitui diretamente com o uso e manejo das plantas. Sendo através desta inter-relação que se configura o perfil de uma comunidade em relação aos usos das plantas, tendo em vistas as particularidades locais (ALBUQUERQUE, 2005; VÁSQUEZ et al, 2014).

Portanto, os estudos científicos vêm corroborando com o uso sustentável das riquezas da biodiversidade, investigado e propondo a valorização do conhecimento tradicional, que envolve as intrinsecamente as relações humanas e sociais com o uso das espécies vegetais no tratamento de diversas enfermidades, no viés da análise etnobotânica (CARVALHO et al., 2013; VÁSQUEZ et al., 2014; ALMEIDA NETO, 2015; GOIS et al., 2016; SIQUEIRA, et al., 2017; ALBUQUERQUE et al., 2017; FIEBIG; PASSA, 2018).

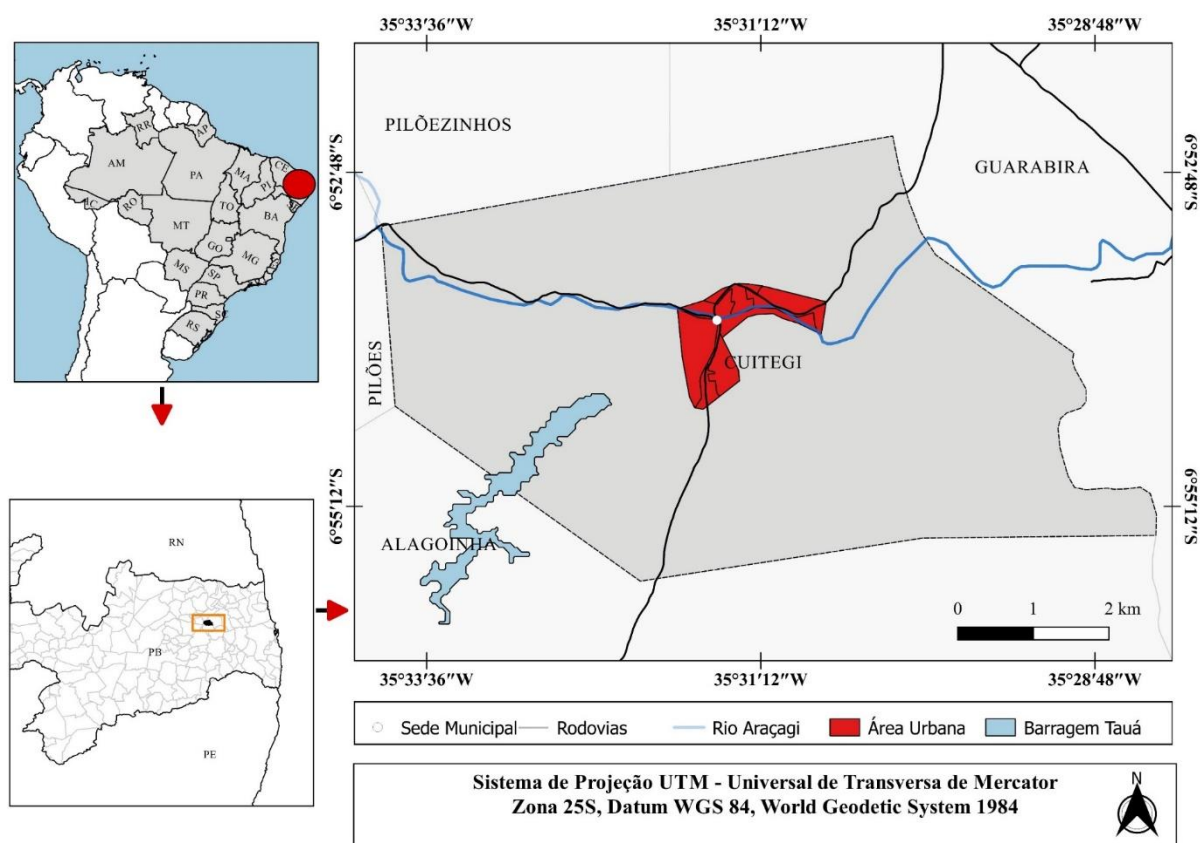
A comunidade estudada do sítio Palmeira, Cuitegi-PB, destaca-se pela diversidade de espécies vegetais associado à cultura tradicional dos moradores, vale ressaltar a importância do conhecimento dos especialistas locais, que apresentam um amplo conhecimento no município como os especialistas em “plantas que curam”. Diante de tamanha relevância, que o estudo tem o objetivo de registrar o uso, conhecimento e importância das plantas medicinais para os moradores da comunidade rural da Palmeira, Cuitegi-PB, Nordeste do Brasil.

2 MATERIAL E MÉTODOS

2.1 Caracterização da área de estudo

A área de estudo o município de Cuitegi, localiza-se no estado da Paraíba (Nordeste do Brasil), na Mesorregião do Agreste paraibano e na Microrregião de Guarabira, está localizado aproximadamente 9 km do município de Guarabira-PB e 115,0 km da capital do estado, João Pessoa. Limita-se com os municípios de Pilõeszinhos (Norte), Alagoinha (Sul), Guarabira (Leste) e Pilões (Oeste) todos pertencentes ao estado da Paraíba.

Figura 1- Localização da comunidade estudada no Município de Cuitegi, Paraíba, Nordeste do Brasil



Fonte: Elaborado por: Souza (2018), com base em: IBGE (2010).

O acesso é realizado através das rodovias 075/PB e 076/PB (CPRM, 2005). A população do município de Cuitegi-PB é composta por 6.889 habitantes, segundo dados do censo de 2010, apresentando uma estimativa de 6.790 habitantes para (2017). Distribuída em uma área territorial de 39,3 km² e com densidade populacional de 175,28 hab/km², apresenta a maior parte da população situada na zona urbana com 5.608 habitantes e 1.281 residindo na zona rural sendo 3.389 homens e 3.500 mulheres (IBGE, 2010). Com o Produto Interno Bruto-PIB per capita de 7.035,23 (IBGE, 2015) e com IDH de 0,570 (IBGE, 2010).

Em 2015, o salário médio mensal era de 1.5 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 7.6 %. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 156 de 223 e 121 de 223, respectivamente. Já na comparação com cidades do país todo, ficava na posição 4821 de 5570 e 4113 de 5570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 49,6 % da população nessas condições, o que o colocava na posição 148 de 223 dentre as cidades do estado e na posição 1.477 de 5.570 dentre as cidades do Brasil (IBGE, 2015).

Os dados fornecidos sobre saúde do município segundo (DATASUS, 2014), apresenta uma taxa de mortalidade infantil média na cidade é de 15,75 para 1.000 nascidos vivos. As internações devido a diarreias são de 0,3 para cada 1.000 habitantes. Comparado com todos os municípios do estado, fica nas posições 73 de 223 e 180 de 223, respectivamente. Quando comparado a cidades do Brasil todo, essas posições são de 1.895 de 5.570 e 3.907 de 5.570, respectivamente.

Território e ambiente do município perante as informações do (IBGE, 2010), apresenta 4,3% de domicílios com esgotamento sanitário, 84, 4% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 5.1% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização com presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio. Isso comparado com os outros municípios do estado, fica na posição 203 de 223, 163 de 223 e 93 de 223, respectivamente. Já quando confrontado com outras cidades do Brasil, sua posição é 4.892 de 5.570, 2.041 de 5.570 e 3.465 de 5.570, respectivamente.

2.2 Comunidade estudada

A Comunidade objeto de estudo denomina-se de Palmeira, dista a 2 km da PB/076 e 3 km área urbana. Possui 78 residências, uma das principais atividades econômica realizada pelos moradores é a agricultura que tem como principais cultivos da agricultura de subsistência. Todos os cultivos são trabalhados nas proximidades das casas e em roçados, como também as criações de animais de pequeno porte.

Quanto ao serviço de saúde, a comunidade dispõe de um posto de saúde com a seguinte equipe de técnicos de enfermagem, Agente Comunitário de Saúde com atendimento diário, já o médico, enfermeira e odontólogo, esses profissionais realizam atendimento na comunidade quinzenalmente pelo Programa de Saúde da Família (PSF). Há apenas uma escola municipal de ensino Fundamental de primeira fase, uma capela de religião católica, uma unidade religiosa da assembleia de Deus (evangélica) e uma associação dos moradores. A principal via de acesso encontra-se em parte com alguns perímetros pavimentados e não há rede esgotamento sanitário.

O abastecimento de água é fornecido através de pequenos mananciais hídricos, poços tubulares e também por carros pipa do programa do exército brasileiro que visitam periodicamente a comunidade. Todas as unidades residenciais da comunidade foram recentemente contempladas com Cisternas através do projeto vinculado ao Programa Água para Todos - Governo Federal, Estadual e Municipal. A comunidade também conta com poços

tubulares do programa Água para todos juntamente com os responsáveis pela associação, visto que a comunidade passava por longos período sem abastecimento de água (Figura 2).

Figura 2- Principais equipamentos sociais da comunidade **A** - Cisternas para o armazenamento de água, **B** - Escola de Ensino Fundamental e **C**- Unidade Básica de Saúde - âncora do PSFI.



Fonte: Silva, (2018).

Área é composta por vegetação característica de agreste composta de plantas de porte arbustivas e arbóreas. O extrativismo vegetal é uma constante na comunidade servindo-lhes também como fonte de renda onde estas fontes energéticas são comercializadas em Cerâmicas, olarias e padarias localizadas próximo a comunidade, estas empresas são as principais fontes da economia do município. Além dos moradores fazerem o uso desse recurso madeireiro para o cozimento de alimentos e a produção de carvão.

A relação dos moradores da comunidade com o uso das plantas medicinais é ampla e bem próxima, no uso cotidiano e no cultivo, pois em todas as unidades residenciais, fora observado o cultivo das plantas medicinais tanto nos quintais como em jardins, além dos roçados que áreas que os agricultores locais cultivam diversas culturas da agricultura familiar.

2.3 Coleta das informações

As informações socioeconômicas e dados etnobotânicos foram registrados de março de 2017 a março 2018, através de entrevistas semiestruturadas, onde todas as famílias residentes na comunidade Palmeira, foram entrevistadas no total de 74 pessoas sendo 24 homens e 50 mulheres, com faixa etária entre variando de 23 e 98 anos, e estes residem na comunidade num período compreendido entre 10 e 50 anos. Os homens da comunidade são predominantemente agricultores em fase adulta são funcionários da construção civil. As mulheres também são agricultoras e trabalham nas atividades domésticas e funcionárias públicas municipal nos cargos de serviços gerais, professoras e Agente comunitária de Saúde. A diferença ente o número de

homens e mulheres se deu pelo estado civil dos informantes, pela presença de viúvos (as), solteiros (as) ou divorciados (as). Parte dos dos homens adultos residentes nessa comunidade exercer funções na construção civil no município de João Pessoa-PB, esse fator dificultou o processo de coleta das informações.

Com o intuito de obter as informações para analisar e comparar o conhecimento sobre os recursos vegetais locais, foi aplicado o formulário etnobotânico contendo perguntas semiestruturadas previamente formuladas antes de ir a campo (ALBUQUERQUE et al., 2010). Tais informantes foram entrevistados individualmente deixando-os à vontade para expressar os termos conhecidos localmente usados para citas os termos conhecidos localmente (ALBUQUERQUE et al., 2010).

Os formulários utilizados nas entrevistas são compostos por questões de caráter sócio-econômico e mais gerais que a buscaram coleta informações sobre a flora local e identificar quais as espécies conhecidas e utilizadas no tratamento de enfermidades, diante da relação dos moradores com o uso da flora local, Informações detalhadas e precisas sobre a forma de preparo e manuseio sobre as plantas de uso medicinais.

Foi apresentado aos informantes o objetivo da pesquisa e em seguida, os mesmos convidados a assinar o Termo de consentimento livre esclarecido, que é solicitado pelo conselho Nacional de Saúde por meio do Comitê de Ética em Pesquisa (Resolução 196/96), além de submetido ao comitê de ética da Universidade Federal da Paraíba-UFPB.

As espécies de plantas indicados nas entrevistas de potencial medicinal, foram coletados com a participação dos entrevistados. Logo após identificado o material botânico foi processado e incorporado no Herbário Jaime Coelho de Moraes (EAN) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus II, no Centro de Ciências Agrárias (CCA), Areia-PB.

As pesquisas e classificação botânica foram realizadas através do site: Flora do Brasil - www.reflora.jbrj.gov.br, para informações sobre a origem, distribuição e de identificação das espécies elencadas nas entrevistas.

2.4 Análise dos dados

Para análise dos dados coletados organizou-se uma planilha no Excel, contendo o nome do participante, sexo e citações referente a cada informação de espécies a espécies citada.

O Valor de Uso (VU) de cada espécies citadas foi calculado, onde $VU = \sum U_i/n$, sendo, U_i = número de usos mencionados por cada informante para uma espécie determinada e $n = o$

número total de informantes (ROSSATO et al., 1999) Sendo calculado em três formas o (VU_{geral}) baseado no número de citações das espécies de usos calculado usando e também realizado a distinção entre as citações de o valor de uso atual (VU_{atual}) que considera os usos que os informantes efetivamente utilizam em seu cotidiano durante a coleta das informações e $VU_{\text{potencial}}$ considera os usos que são apenas reconhecidos e não utilizado pelo informante no momento da entrevista, indagados os informantes para ter conhecimentos das espécies que eram citadas quais estavam sendo utilizadas no momento (LUCENA, et al., 2012).

Importância Relativa-IR (BENNETT; PRANCE, 2000), é uma proposta simples empregada no estudo de plantas medicinais, na qual a planta é mais importante quanto mais versátil, ou maior número de indicações terapêuticas apresentadas nos sistemas corporais pertencentes (SILVA, et al., 2010). O índice pode ser calculado de acordo com a formula a seguir: $IR = NSC + NP$, onde: IR= Importância relativa; NSC= Número de Sistemas Corporais; NP= Número de Propriedades. O NSC = Número de Sistemas Corporais tratados por uma determinada espécie (NSCE) dividido pelo Número total de Sistemas Corporais tratados pela Espécie mais versátil (NSCEV) da seguinte forma: $NSC = NSCE / NSCEV$, onde o NP = Número de Propriedades atribuídas a uma determinada Espécie (NPE) dividido pelo número total de propriedades atribuídas à espécie mais versátil (NPEV) assim: $NP = NPE / NPEV$

Através do IR, o valor máximo que uma espécie pode obter é “2”. Essa técnica assume que uma espécie é mais importante quando apresentar números elevados de propriedades terapêuticas. As indicações terapêuticas para cada espécie citada foram distribuídas em 17 categorias (ALMEIDA; ALBUQUERQUE, 2002).

Após a realização das análises dos dados foram realizados o Ranking das 10 primeiras espécies que obtiveram os maiores valores quanto ao VU_{geral} , VU_{atual} , $VU_{\text{potencial}}$, correlacionando-se com os 10 primeiros lugares do índice de IR.

O teste de Kolmogorov-Smirnov foi usado para verificar a normalidade dos dados (ZAR, 1996). Foi utilizado para comparar VU_{geral} , VU_{atual} , $VU_{\text{potencial}}$ o teste Wilcoxon (SOKAL; RHOLF, 1995). Para avaliar a relação e semelhanças entre os VU_{geral} , VU_{atual} , $VU_{\text{potencial}}$ e IR, aplicou-se o teste de correlação de Spearman (rs). Para verificar se o grupo etário das mulheres (jovens ≤ 29 anos, adultas > 29 e < 60 , idosas ≥ 60) interferem no elenco de espécies citadas foi utilizado o teste de qui-quadrado (X^2), também empregado para comparar grupo etário das mulheres e origem das espécies, grupo etário das mulheres e indicações terapêuticas. Para todos os testes estatísticos foi adotado o nível de significância de 5% ($p \leq 0,05$). As análises estatísticas foram realizadas no R 3.5.1 (R CORE TEAM, 2018).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Riqueza observada das espécies

Obteve-se um total de 1482 citações e 142 espécies sendo 72 exóticas e 70 nativas, foram encontrados valores similares, pertencente a 64 famílias botânicas, citadas para tratamento de diversas patologias dentre essas destaca-se *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br.(Erva-cidreira) n=65 (4,39%), *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. (Capim santo) n= 63 (4,25%), *Anacardium occidentale* L. (caju-roxo) n=62 (4,18%), *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spr. (Hortelã da folha grossa) n=56 (3,78%), *Myracrodruon urundeuva* Alemão (Aroeira) n=56 (3,78%), *Mentha x piperita* L. (Hortelã da folha miúda) n= 47 (3,17%), *Chenopodium ambrosioides* Hance (Mastruz) n=47 (3,17%), *Sambucus australis* Cham. & Schltdl. (Sabugueira) n=42 (2,83%), *Alpina zerumbet* (Pers.) B.L. Burtt. & R.M.Sm. (Colônia) n=40 (2,70%) (Tabela 1).

A relação entre nativas e exóticas observar, uma maior utilização das folhas e raízes para as espécies exóticas e casca do caule de espécies nativas, no preparo medicinais. No entanto, as espécies nativas como *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br.(Erva-cidreira), *Anacardium occidentale* L. (caju-roxo), *Myracrodruon urundeuva* Alemão (aroeira), *Genipa americana* L (jenipapo) foram representativas em números de citações, indicando serem espécies importantes para os moradores da comunidade. Tal resultado assemelha-se aos estudos etnobotânicos realizados em outras comunidades rurais do Nordeste brasileiro. (ALBUQUERQUE, 2006; ALBUQUERQUE; OLIVEIRA, 2007; ALENCAR et al 2010; ALENCAR, 2012).

Em estudos realizados em áreas da Caatinga, no Nordeste brasileiro, observou-se que espécies exóticas eram indicadas para o tratamento de doenças as quais não eram tratadas por espécies nativas e propôs a diversificação de uso como hipótese explicativa para o fenômeno, na qual o uso das espécies exóticas estaria diversificando o estoque fitoterapêutico local para o tratamento de determinadas doenças (ALBUQUERQUE, 2006; ALBUQUERQUE; OLIVEIRA, 2007).

Tabela 1- Lista das plantas medicinais mais citadas pelos moradores da comunidade da Palmeira, Cuitégi-PB. NV= Nome vernacular. O = Origem N = nativa, E = exótica. NC= nº de citações.

Família	Espécies	NV	O	NC
Verbenaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill.)N.E.Br.	Erva-cidreira	N	65
Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Capim santo	E	63
Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L	Caju roxo	N	62
Lamiaceae	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spr.	Hortelã da folha grossa	E	56
Anacardiaceae	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	N	52
Lamiaceae	<i>Mentha x piperita</i> L.	Hortelã da folha miúda	E	47
Chenopodiaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> Hance	Mastruz	E	47
Adoxaceae	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltdl.	Sabugueira	E	42
Zingiberaceae	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burtt. & R.M.Sm.	Colônia	E	40
Rubiaceae	<i>Genipa americana</i> L	Jenipapo	N	37

Entre as espécies mais citadas estão *A Lippia alba* (Mill.) N.E.Br, que geralmente é indicada para o tratamento de diversas doenças principalmente do sistema digestório e respiratório. Espécie nativa de quase todo território brasileiro, registrada na literatura etnofarmacológica o uso do chá da *Lippia alba* em todo território brasileiro, tanto pelo seu sabor agradável tanto pela a ação calmante atribuída pelo conhecimento medico tradicional (LORENZI; MATOS, 2002).

Cymbopogon citratus (DC.) Stapf. Cultivada em quase todos os países tropicais inclusive no Brasil, seu uso é amplamente difundido de Norte a Sul do país da forma de um chá de aroma e sabor agradável de ação calmante e espasmolítica suave contendo uma ação antimicrobiana, bastante usada na medicina popular em infusões para tratamento de problemas do aparelho digestório e sistema nervoso (LORENZI; MATOS, 2002).

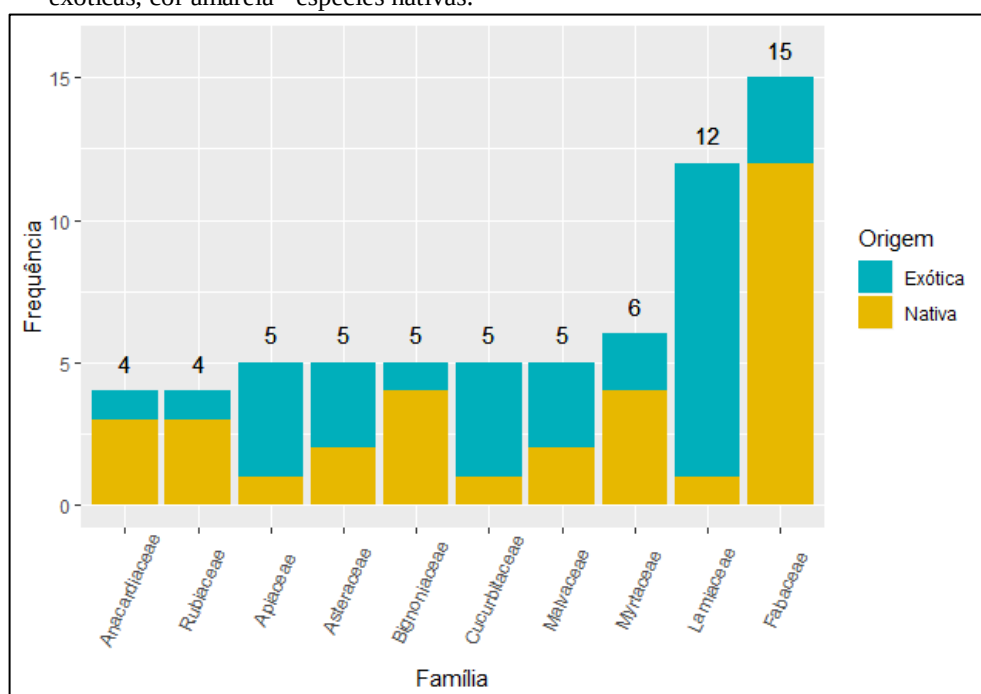
No caso do *Anacardium occidentale* L. espécie nativa e amplamente distribuída no território brasileiro o uso preferencial da casca e entrecasca utilizada na preparação de molho, banho e garrafadas (SILVA et al., 2014; BRITO et al., 2015). Utilizado principalmente no de infecções, essa espécie apresenta uma variedade de ação terapêutica, o cozimento da entreasca tem ação antisséptico e anti-inflamatório em casos de feridas e úlceras da boca e afecções da garganta (ANDRADE, et al., 2017). A película que envolve a amêndoa tem ação anti-inflamatória e como antibiótico, todas as partes da planta demonstraram ação anti-inflamatória (BARACUHY, et al; 2016).

Em relação às famílias botânicas, as espécies registradas encontram-se classificadas em 64 famílias botânicas (Figura 3), as que mais destacaram-se quanto ao número de espécies foram: Fabaceae n=15 (10,64%) está foi a famílias que apresentou de maior número de espécies,

porém a Lamiaceae n=12 (8,51%) seguindo pela a Myrtaceae n=6 (4,26%), Apiaceae n= 5 (3,55%) (Figura 3). Estas famílias botânicas estão entre as mais abundantes em levantamentos etnobotânico realizados em diferentes lugares do Brasil, como os estudos de farmacopeias tradicionais em comunidades da Caatinga (ALENCAR, 2012); Lemos e Araújo (2015) na comunidade de Curral Velho, Luís Correia, Piauí, Brasil; Vásquez et al., (2014), em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil; Ribeiro et al., (2014), no Distrito de Aratama, no Município de Assaré, Ceará.

Resultados semelhantes quanto a representatividade da família Fabaceae, com o maior número de espécies foi observado em estudo etnobotânico sobre o uso de plantas medicinais observamos nos estudos de Ribeiro, et al., (2014). Está família, também se destacou em levantamento etnobotânica realizados com raizeiros no mercado público do município de Guarabira-PB (ALVES et al., 2017).

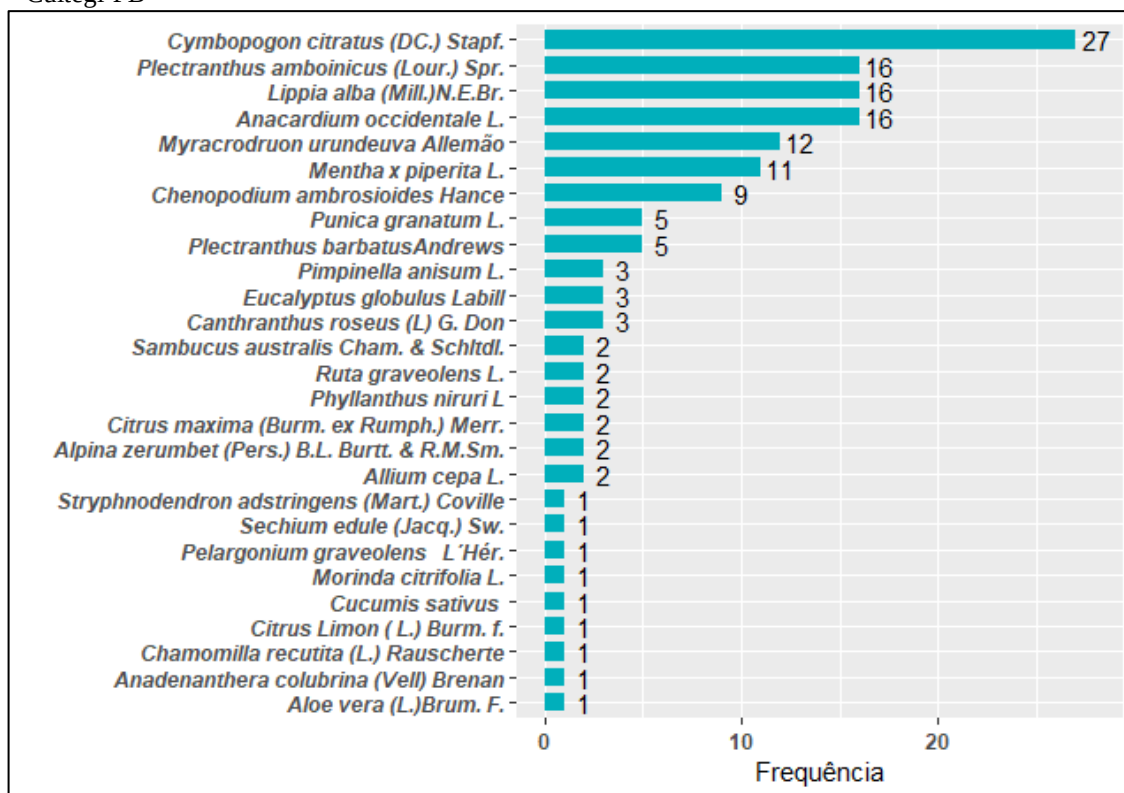
Figura 3 - Famílias botânicas que obtiveram maiores números de espécies. A cor azul = espécies exóticas, cor amarela= espécies nativas.



Fonte: pesquisa de campo, 2018.

Dentre o elenco das 142 espécies identificadas 17 destacou-se como sendo de preferências dos entrevistados (Figura 4) entre essas as principais foram o *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. n=27 (20,45%), *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. n= 16 (12,12%), *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spr. n=16 (12,12%), *Anacardium occidentale* L. n=15, (11,36%), *Myracrodruon urundeuva* Allemão n=12 (9,09%), *Mentha x piperita* L n=11 (8,33%).

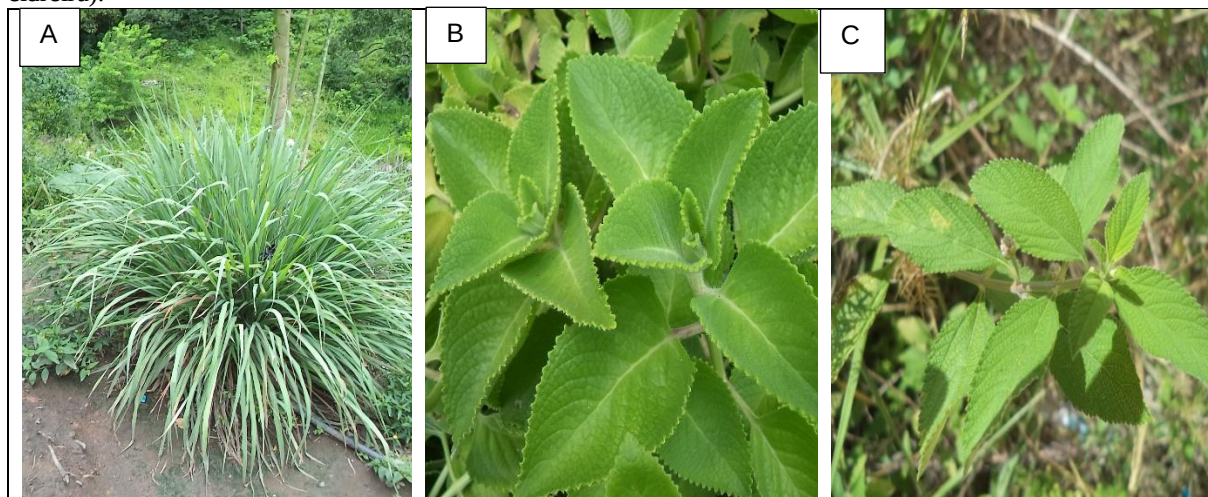
Figura 4 - N° de citações das espécies de preferência dos moradores da comunidade da Palmeira, Cuitegi-PB



Fonte: pesquisa de campo, 2018.

Corroborando com os resultados do estudo etnobotânico realizado na comunidade rural Bezerro Morto, município de São João da Canabrava Piauí (PI) estes confirmaram, que a erva-cidreira (*Lippia alba* (Mill.) N. E. Br. a espécie mais citadas pelos entrevistados para diversas ações terapêuticas indicadas para os sistemas digestório, nervoso e respiratório seguindo das espécies *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. e *Plectranthus amboinicus* (Lour.) (GOMES et al., 2017). Portanto, tais espécies são amplamente utilizadas no tratamento de patologias que afetam o sistema digestório e respiratório, em destaque o *Plectranthus amboinicus* (Lour.) com o uso das suas folhas nas preparações de xaropes caseiros para o tratamento de tosse, dor na garganta, broquite etc. (LORENZI e MATOS, 2002).

Figura 5 - Espécies preferidas pelos moradores da comunidade, A - *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf, (Capim santo), B-*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spr. (Hortelã da folha grossa) e C *Lippia alba* (Mill.)N.E.Br (Erva-cidreira).



Fonte: Silva (2018).

A *Lippia alba*, também foi citado com principalmente anti-hipertensivo e calmante, sendo também, recomendado contra dores no estômago e febres persistentes, em estudos etnobotânicos na comunidade Rio Urubueua de Fátima, Abaetetuba-Pará (MOURA, et al., 2016). Tais espécies também foram indicadas para tratamentos de doenças do trato digestório e respiratório (BRITO, et al., 2015; MOURA et al., 2016; GOIS et al., 2016; MARTINS; COSTA, 2016; GOMES, et al, 2017).

3.2 Partes utilizadas, modo de preparo e sistemas corporais

Quanto às partes das plantas mais utilizadas nos preparos caseiros destacam-se as folhas com n=738 (49,80%) citações, a casca n=208 (14,04%), o fruto n=166 (11,20%), a flor n=136 (9,18%), entrecasca n=74 (4,99%), raiz n=65 (4,39%), Semente n=63 (4,25%), Bulbo n=20 (1,35%), Látex n=9 (0,61%), Seiva n=3 (0,20%) (Tabela 2).

Os usos das folhas das plantas citados como preferência, seguida das cascas dos vegetais utilizadas para os preparos de molhos e garrafadas. Santos et al., (2016) apresentam como resultado semelhante sobre o uso das folhas para as preparações de chás, por decocção ou infusão, esse fator afirma-se devido a frequente utilização das herbáceas exóticas cultivadas em quintais (FERREIRA et al., 2016).

A preponderância do uso de folhas nos usos medicinais é frequentemente citada em estudos etnobotânicos (VÁSQUEZ et al., 2014; MOURA et al., 2016; GOIS et al., 2016; MARTINS; COSTA, 2016). Essa preferência pode ser justificada pela facilidade de coleta ou

pela disponibilidade ao longo do ano, geralmente se concentra grande parte dos princípios ativos da planta nas folhas, havendo uma coleta controlada, não acarreta danos à planta garantindo assim a preservação da espécie (MARTINS; COSTA, 2016; NERI et al., 2018).

As espécies que se destacaram quanto ao uso das folhas foram: *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. (Erva cidreira) e *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. (Capim santo); *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spr. (Hortelã da folha grossa) e a *Mentha x piperita* L. (Hortelã da folha miúda). *Aeollanthus suaveolens* Mart. (Macassá) etc. Identificou-se, que o uso de plantas individual ou associadas são utilizadas principalmente na preparação dos chás em forma de decocto e infusão, contribuem para a hidratação, eliminação de toxinas do corpo, controle da temperatura corporal e auxílio na digestão de alimentos ocasionando uma sensação de bem-estar (MOURA et al., 2016).

Às formas de usos com números expressivos de citações das plantas destaca-se o chá de forma cozido n=423 (28,54%), abafado com n=341 (23,01%), seguindo das citações para Molho n=206 (13,90%), lambedor n=191 (12,89) suco n=104 (7,02%), sumo n=62 (4,18%), banho n=53 (3,58%), garrafada n=31 (2,09%), seiva n=27 (1,82%), *in natura* n=26 (1,75%), pó n=6 (0,40%), óleo n=5 (0,34%), gargarejo n=3 (0,20%), uso tópico n=2 (0,13%), vapor n=1, (0,07%), e banho de assento n=1 (0,07%) (Tabela 2).

Conforme os preparos dos chás em infusão ou decocção, no caso da infusão quando se tem preferências por chás mais fortes, ou de parte de plantas como casca, raiz e sementes. Em contraponto com estudo realizados por Moura et al., (2016) nesse caso, o modo de uso dos chás na forma de decocção, reportava-se as questões que os parâmetros de qualidade da água essa preparação é a mais adequada segundo os interlocutores do estudo, pois a alta temperatura combate os coliformes, pois a comunidade utilizava-se de água não tratada adequadamente.

Os resultados também se assemelham ao da pesquisa etnobotânica realizada por em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil, os entrevistados informaram que a infusão é recomendada quando se utiliza as partes das plantas, como folhas, flores, inflorescências e frutos, sendo importante não ferver a planta. A decocção é usada geralmente para as partes mais duras das plantas, como cascas, raízes, sementes e caules (VÁSQUEZ et al., 2014).

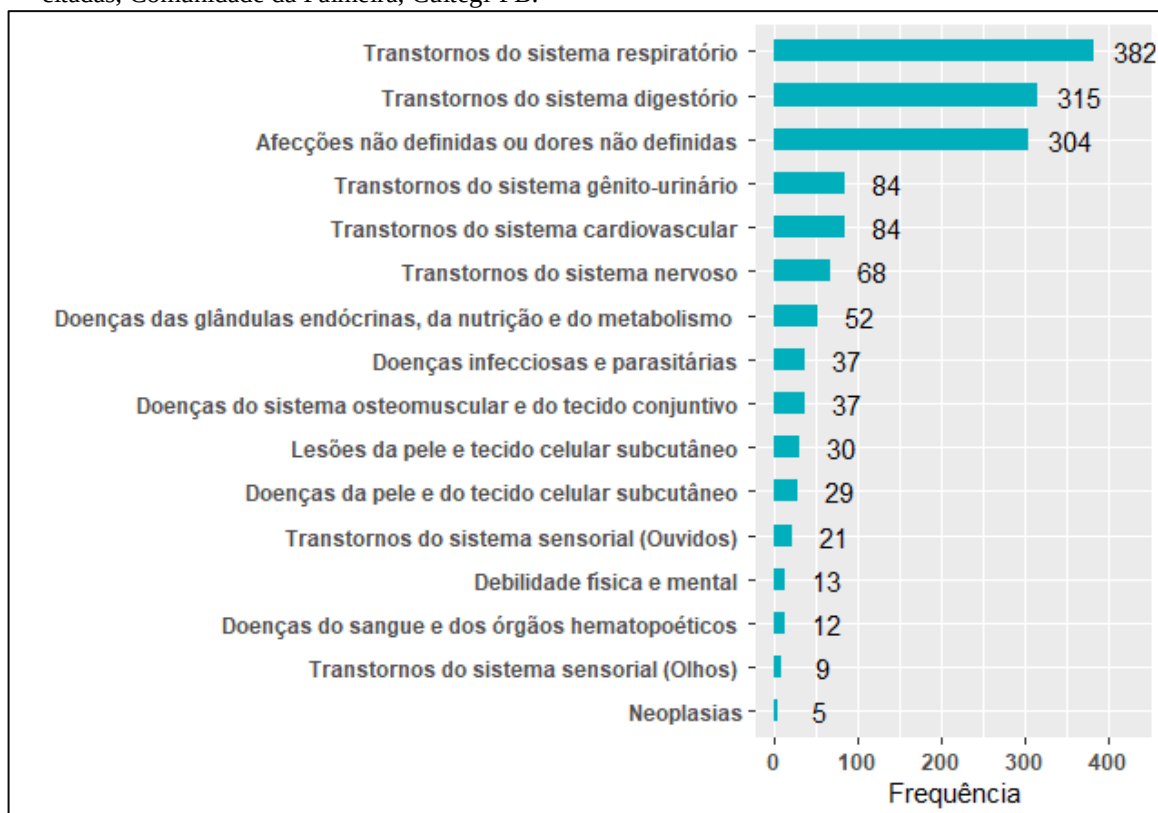
As indicações terapêuticas obtiveram 98 citações de usos. Dentre as afecções citadas, as que apresentaram os maiores números foram: tosse n=273 (18,42), dor de barriga n=184 (12,42), inflamação no geral n=177 (11,94%); gripe n=99, (6,68%) febre n=66 (4,45%), ansiedade n=55 (3,71), pressão alta n=53 (3,58%), diabetes n=41 (2,77%), verme n=36 (2,43%), Cólica menstrual n=28 (1,89%) (Tabela 2).

Os resultados indicam que os informantes da pesquisa são atingidos principalmente pelas afecções que agredem o trato respiratório. Esse fator possivelmente pode se justificar devido a relação com produção econômica do município de Cuitegi-PB, onde as cerâmicas concentram resíduos da queima do combustível na atmosfera. Além do clima da região pode contribuir com o aparecimento de doenças respiratória em determinado período do ano. Esse fato é observado em pesquisas em alguns estados da região Nordeste: no Rio Grande do Norte, (ROQUE; LOIOLA, 2009; SILVA, 2018), no estado da Bahia (MOTA; DIAS, 2012; SANTOS et al., 2017) e em Pernambuco (RODRIGUES; ANDRADE, 2014; MACEDO et al., 2016).

No caso das afecções que acometem o sistema digestório, podem ter uma relação com a contaminação da água por patógenos durante o consumo. Distribuídos por carro pipa, e de fontes naturais de água, além do armazenamento, que é feito em cisternas de placas, caixas de polietileno, recipientes de cerâmicas e plásticos. Encontra-se, nos resultados levantados em pesquisa etnobotânica no Rio Urubueua de Fátima, Abaetetuba-Pará, Brasil. Os resultados mostraram que a ocorrência de diarreia e parasitoses intestinais pode ser atribuídas à falta de saneamento básico, pois na comunidade que não há tratamento de água e esgoto. A água consumida é desinfetada pela própria população (MOURA, et al., 2016).

Foram classificadas as patologias quanto aos sistemas corporais, obtendo como mais expressivos os transtornos do sistema respiratório com n=382 (25,78%) identificado com tais patologias: tosse, gripe, sinusite, cansaço, rouquidão, pneumonia, bronquite e congestionamento nasal. Seguido transtornos do sistema digestório n=315 (21,26%) com indicações de tais doenças: ameba, azia, cólica intestinal, desidratação, diarreia, má digestão, enjoo, empachamento na barriga, verminose, vômito, dor no estômago. Quanto as afecções e dores não definidas com n=304, (20,51%), para tais afecções: inflamação de forma geral, dores nas pernas, dores no corpo, doença de criança, enfermidades, sangramento. Transtornos do sistema cardiovascular n=84, (5,67%) apresentando estas patologias: AVC, pressão arterial alta e baixa, problemas no coração, má circulação e transtornos do sistema gênito-urinário (n=84, 5,67%) com as seguintes doenças: cólica menstrual, mioma, inflamação no útero, infecção urinária, inflamação na próstata, aumento do fluxo menstrual (Figura 6).

Figura 6 - Sistemas Corporais classificados na pesquisa de acordo com as indicações terapêutica citadas, Comunidade da Palmeira, Cuitegi-PB.



Frequentemente esses preparos são citados porque não existe contraindicação n= 1364 (92%), gestantes n=86 (5,8%), não sabe n=15 (1,01%), pressão alta n=11 (0,74%), Gastrite n=2, (0,13%), criança n=2, (0,13%), problema nos rins n=1, (0,07%), problema no coração.

Tabela 2. Plantas medicinais citadas em entrevistas pelas populações das comunidades da Palmeira, Cuitegi-PB, com os respectivos nomes científicos e populares, parte utilizada, formas de preparo e uso local referido pelos informantes da pesquisa NV=Nome Vernacular, O=origem, E=Exótica, N=nativa, UL= Uso Local, PU= Parte Utilizada, FU=Forma Utilizada.

Família/Nome científico	NV	O	UL	PU	FU
Acanthaceae					
<i>Justicia pectoralis</i>	Sete cura	E	Diabetes e Dor de barriga	Folhas	Decocto
Adoxaceae					
<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltdl.	Sabugueira	E	Tosse e gripe	Folhas e flores	Lambedor, Infusão
Amaranthaceae					
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) o. Kuntze	Perpetua branca	N	Tosse e gripe	Folhas e flores	Lambedor
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Anador	N	Dor de cabeça, inflamação caroço	Folhas	Decocto, Infusão e sumo
Amaryllidaceae					
<i>Habranthus itaobinus</i> Ravenna	Alho do mato	N	Tosse	Bulbo	Lambedor
<i>Allium cepa</i> L.	Cebola branca	E	Tosse, gripe	Bulbo	In natura e lambedor
<i>Allium sativum</i> L.	Alho.	E	Verme, problema no coração, ameba, tosse, gripe	Bulbo	Lambedor, molho, inatura, Infusão, Decocto, lambedor, molho
Anacardiaceae					
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju roxo	N	Inflamação no útero, inflamação nos rins, ferimento, cicatrizante, gastrite, inflamação na garganta, inflamação no útero, gripe	Casca e entrecasca	Molho Garrafada Lambedor Decocto Banho
<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng	Sete Casco	N	Tosse e pancada	Entrecasca e raiz	Lambedor e molho
<i>Mangifera indica</i> L.	Manga espada	E	Gripe, rouquidão, tosse	Flor	Lambedor, Infusão, gargarejo
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	N	Inflamação na pele, inflamação nos rins, ferimento, inflamação, gastrite, inflamação no útero	Casca e entrecasca	Banho de assento, lambedor, banho, molho, garrafada

Tabela 2. Plantas medicinais citadas em entrevistas pelas populações das comunidades da Palmeira, Cuitegi-PB, com os respectivos nomes científicos e populares, parte utilizada, formas de preparo e uso local referido pelos informantes da pesquisa NV=Nome Vernacular, O=origem, E=Exótica, N=nativa, UL= Uso Local, PU= Parte Utilizada, FU=Forma utilizada. **(Continuação).**

Família/Nome científico	NV	O	UL	PU	FU
Annoniaceae					
<i>Annona montana</i> Macfad.	Ariticum	N	Inflamação	Casca, Entrecasca Folha	Decocto Garrafada
<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	N	Diabetes Colesterol alto Inflamação nos rins Inflamação no útero	Entrecasca Folha	Decocto
Apiaceae					
<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro	E	AVC Tosse	Folhas	Suco, Infusão Decocto
<i>Daucus carota</i> L.	Cenoura	E	Gastrite Tosse	Raiz	Lambedor Suco
<i>Eryngium foetidum</i> L.	Coentro brabo	N	Ferimento	Folha	Decocto
<i>Pimpinella anisum</i> L.	Erva-doce	E	Pressão alta, dor no estômago, dor de barriga, empachamento na barriga, dor no estômago, ansiedade, rouquidão, gripe Inflamação	Folha e sementes	Decocto Infusão
<i>Petroselinum sativum</i> .	Salsa	E	Ferimento na pele Tremores	Folhas e raiz	Decocto Sumo
Apocynaceae					
<i>Canthranthus roseus</i> (L) G. Don	Boa noite branca	E	Tosse Gripe	Flor	Lambedor Infusão Decocto
Arecaceae					
<i>Syagrus cearensis</i> Noblick	Coco catolé	N	Inflamação na próstata Inflamação nos olhos, dor nos olhos, inflamação, gastrite, pedras nos rins	Raiz e Fruto	Decocto Inatura Molho Garrafada Decocto
<i>Cocos nucifera</i> L	Coco	E	Óleo, inatura, decocto	Raiz e fruto	Nascer cabelo, Perder peso Desidratação na próstata Conjuntivite Dor de barriga Inflamação Diarreia

Tabela 2. Plantas medicinais citadas em entrevistas pelas populações das comunidades da Palmeira, Cuitegi-PB, com os respectivos nomes científicos e populares, parte utilizada, formas de preparo e uso local referido pelos informantes da pesquisa NV=Nome Vernacular, O=origem, E=Exótica, N=nativa, UL= Uso Local, PU= Parte Utilizada, FU=Forma utilizada. **(Continuação).**

Família/Nome científico	NV	O	UL	PU	FU
Aristolochiaceae					
<i>Aristolochia cymbifera</i> Mart. & Zucc	Contra erva	N	Decocto	Raiz	Tosse Sinusite
Asteraceae					
<i>Helianthus annuus</i> L.	Girassol	E	Pó Decocto	Semente	AVC
<i>Lactuca sativa</i>	Alface	E	Infusão	Folha	Diminuir fluxo menstrual
<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauscherte	Camomila	E	Decocto	Flores	Ansiedade
<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	Espinho de cigano	N	Lambedor Decocto	Raiz	Gripe Tosse
<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC	Macela	N	Decocto	Semente	Inflamação na garganta
Bignoniaceae					
<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook. f. ex S. Moore	Pau d'arco amarelo	N	Molho	Casca	Inflamação
<i>Crescentia cujete</i> L.	Coité	E	Molho	Folha	Inflamação Inflamação na pele Ferimento
<i>Impetiginosus</i> (Mart. Ex DC.) Mattos	Pau d'arco roxo	N	Molho Banho	Casca Entrecasca	Inflamação Gastrite Inflamação no útero
<i>Handroanthus</i>					
<i>Jacarandá copaia</i> (Aubl.) D. Don	Caraúba	N	Molho Lambedor	Casca Folhas	Queimadura Ferimento
<i>Jacaranda micrantha</i> Cham	Caroba	N	Decocto, óleo, lambedor	Folhas	Enfermidade Ferimento
Bixaceae					
<i>Bixa orellana</i> L.	Açafrão	N	Semente	Garrafada Molho	Quebradura de ossos, Inflamação, pancada machucado
Brassicaceae					
<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe	Couve	E	Folhas	Suco	Gastrite Dor no estômago
Bromeliaceae					
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	N	Fruto	Lambedor	Tosse e gripe
Cactaceae					
<i>Opuntia ficus-indica</i> Mill.	Palma	N	Folhas	Decocto	Pedras nos rins
<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Cardeiro	N	Raiz	Molho	Tosse
Caricaceae					
<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	E	Fruto	Lambedor	Tosse
Caryophyllaceae					
<i>Dianthus caryophyllus</i> L.	Cravo branco	E	Flor	Infusão Molho	AVC Hemorragia Epilepsia

Tabela 2. Plantas medicinais citadas em entrevistas pelas populações das comunidades da Palmeira, Cuitégi-PB, com os respectivos nomes científicos e populares, parte utilizada, formas de preparo e uso local referido pelos informantes da pesquisa NV=Nome Vernacular, O=origem, E=Exótica, N=nativa, UL= Uso Local, PU= Parte Utilizada, FU=Forma utilizada. **(Continuação).**

Família/Nome científico	NV	O	UL	PU	FU
Cecropiaceae					
<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Embaúba	N	Folhas e raiz	Infusão Decocto	Gripe
Celastraceae					
<i>Maytenus ilicifolia</i> Reissek	Espinheira santa	N	Folhas	Garrafada Decocto	Gastrite
Chenopodiaceae					
<i>Chenopodium ambrosioides</i> Hance	Mastruz	E	Folhas	Decocto Suco Sumo Infusão Lambedor	Inflamação, verme, previne câncer, dor de barriga, gastrite, empachamento na barriga, inflamação na garganta, gripe
<i>Beta vulgaris</i> L.	Beterraba	E	Raiz	Lambedor	Tosse e Gripe
Cleomaceae					
<i>Tarenaya spinosa</i> (Jacq.) Raf.	Mussambê	N	Raiz	Decocto	Diabetes
Commelinaceae					
<i>Camelina diffusa</i> Burm. f.	Erva de santa maria	N	Raiz	Decocto e Lambedor	Tosse
Convolvulaceae					
<i>Operculina hamiltonii</i> (G.Don) D.F.Austin & Staples	Batata de pulga	N	Raiz	Sumo e Suco	Verme
Crassulaceae					
<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Camb.	Saião	E	Folhas	Lambedor Infusão Suco	Tosse
Cucurbitaceae					
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Chuchu	E	Fruto	Decocto Suco	Pressão alta
<i>Sicana odorifera</i> (Vell.) Naudin	Cruá	E	Semente	Decocto	Hemorragia
<i>Cucumis anguria</i> L. Lineu.	Maxixe	N	Fruto	Decocto	Tosse
<i>Cucumis sativus</i>	Pepino	E	Fruto	Suco	Pressão Alta
<i>Momordica charantia</i> L.	Melão de São Caitano	E	Folhas e Frutos	Sumo	Verme Hemorroidas
Euphorbiaceae					
<i>Croton blanchetianus</i> Baill.	Marmeleiro	N	Casca Entrecasca	Decocto Molho	Dor de barriga
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão roxo	N	Folhas, Seiva	Inatura	Mal-estar, dor de cabeça, ferimento, estancar sangramento, dor de dente, AVC, picada de cobra

Tabela 2. Plantas medicinais citadas em entrevistas pelas populações das comunidades da Palmeira, Cuitegi-PB, com os respectivos nomes científicos e populares, parte utilizada, formas de preparo e uso local referido pelos informantes da pesquisa NV=Nome Vernacular, O=origem, E=Exótica, N=nativa, UL= Uso Local, PU= Parte Utilizada, FU=Forma utilizada. **(Continuação).**

Família/Nome científico	NV	O	UL	PU	FU
Fabaceae					
<i>Senegalia polyphylla</i> (DC). Britton & Rose	Espinheiro	N	Casca	Molho	Dor de barriga
<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Barbatimão	N	Casca Entrecasca	Garrafada Molho, Decocto Lambedor Banho	Inflamação, mulher de resguardo, ferimento
<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	E	Fruto	Suco	Diabetes
<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf	Copaíba	N	Seiva	Óleo	Dor de Barriga
<i>Erythrina velutina</i> Willd.	Mulungu	N	Casca	Decocto	Insônia
<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A. C. Sm.	Cumarú	N	Folha, casca, entrecasca	Garrafada, Molho Lambedor	Inflamação, inflamação de dente, inflamação no útero, gripe
<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell) Brenan	Angico	N	Casca Entrecasca	Decocto Lambedor Banho Molho Lambedor	Inflamação, dor no estômago, inflamação no útero, tosse, gripe, pneumonia, cansaço
<i>Hymenoclea barbiloba</i> L.	Jatobá	N	Casca Entrecasca	Molho Decocto Lambedor Garrafada	Inflamação, câncer de próstata, dor no estômago, limpeza intestinal, tosse, gripe
<i>Leucaena leucocephala</i> (Lam.)	Leucena	E	Folha	Decocto	Inflamação
<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. Ex Tul.) L. P. Queiroz	Jucá	N	Casca Entrecasca	Garrafada, molho, garrafada, lambedor	Inflamação, dor na coluna, pancada, tosse, quebração de ossos
<i>Machaerium</i> sp	Espinho rei	N	Casca	Decocto	Diarreia
<i>Pterodon emarginatus</i> Vog	Sucupira	N	Semente	Decocto	Dor na coluna
<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	Pata de vaca	N	Folhas	Decocto	Diabetes
<i>Cenostigma pyramidale</i> (Tul.) E. Gagnon & G.P. Lewis	Catingueira	N	Flor	Infusão	Dor na coluna
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp	Guandú	E	Folhas	Decocto	Inflamação de dente
Geraniaceae					
<i>Pelargonium graveolens</i> L'Hér	Malva rosa	E	Folhas	Infusão, Decocto, Lambedor	Febre, ansiedade, tosse, gripe
Illiciaceae					
<i>Illicium verum</i> Hocker	Anil estrelado	E	Fruto	Decocto	Dor de barriga
Lamiaceae					
<i>Rosmarinus officinalis</i>	Alecrim	E	Folhas	Infusão, Decocto	Problema no coração AVC, problema no coração Pressão alta
<i>Salvia officinalis</i> L.	Sálvia	E	Folhas	Decocto	Cólica menstrual
<i>Tetradenia riparia</i> (Hochst.) Codd	Mirra	E	Folhas	Decocto	Cólica menstrual

Tabela 2. Plantas medicinais citadas em entrevistas pelas populações das comunidades da Palmeira, Cuitégi-PB, com os respectivos nomes científicos e populares, parte utilizada, formas de preparo e uso local referido pelos informantes da pesquisa NV=Nome Vernacular, O=origem, E=Exótica, N=nativa, UL= Uso Local, PU= Parte Utilizada, FU=Forma utilizada. **(Continuação).**

Família/Nome científico	NV	O	UL	PU	FU
<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.	Alfazema	E	Folha Flor	Banho e Decocto	Dor nas pernas Cólica menstrual
<i>Leonotis neptaeoli</i> (L.) R.Br	Cordão de são Francisco	N	Flor	Infusão	Febre
<i>Mentha x piperita</i> L.	Hortelã da folha miúda	E	Folhas	Infusão Sumo Suco Decocto Suco Infusão Suco Sumo Lambedor	Mal-estar, Inflamação, ameba, hemorragia, AVC, Pressão alta, cólica menstrual, verme, Empachamento na barriga, dor de barriga, diminuir fluxo menstrual, ansiedade, tosse, dor de ouvido
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjerição	E	Folhas	Banho Infusão	Queda de cabelo Dor de cabeça Mal-estar Dor de barriga Digestão
<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	Alfavaca	E	Folhas	Infusão, Decocto	Dor de barriga Empachamento na barriga Gripe
<i>Plectranthus unguentarius</i> Codd	Hortelã de homem	E	Folhas	Infusão Decocto Lambedor	Dor de barriga Empachamento na barriga Tosse Ferimento Verme
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spr.	Hortelã da folha grossa	E	Folhas	Sumo Infusão Decocto Lambedor	Dor de barriga Digestão Tosse Dor de ouvido Gripe
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo	E	Folhas	Garrafada Infusão Infusão	Dor de barriga Gastrite Digestão Pancada Empachamento na barriga Inflamação
<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart.	Macassá	E	Folhas	Infusão Lambedor Sumo	Dor de barriga Dor no estômago Cólica menstrual Tosse Dor de ouvido
Lauraceae					
<i>persea americana</i> Mill.	Abacate	E	Folhas	Banho, Infusão, Decocto, Molho	Inchaço nas pernas, Inflamação nos rins, Infecção urinária, Pedras nos rins
<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyn.	Canela	E	Casca Entrecasca Folha	Infusão Decocto	Pressão baixa, enjoo, vômito, tosse, gripe
Linaceae					
<i>Linum usitatissimum</i> L.	Linhaça	E	Sementes	Pó e inatura	AVC
Loasaceae					

Tabela 2. Plantas medicinais citadas em entrevistas pelas populações das comunidades da Palmeira, Cuitegi-PB, com os respectivos nomes científicos e populares, parte utilizada, formas de preparo e uso local referido pelos informantes da pesquisa NV=Nome Vernacular, O=origem, E=Exótica, N=nativa, UL= Uso Local, PU= Parte Utilizada, FU=Forma utilizada. **(Continuação).**

Família/Nome científico	NV	O	UL	PU	FU
<i>Aosa rupestres</i> (Gardner) Weigend	Urtiga branca	N	Raiz	Decocto, molho Garrafada, decocto Lambedor Molho	Inflamação Inflamação no fígado Verme Ferimento Inflamação na garganta Infecção urinária
Lythraceae					
<i>Punica granatum</i> L.	Romã	E	Fruto	Molho, Decocto e Lambedor	Inflamação, cicatrizante Dor de garganta Inflamação na garganta
Malpighiaceae					
<i>Malpighia puniceifolia</i> L.	Acerola	E	Fruto	Lambedor, Suco	Tosse e Gripe
Malvaceae					
<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodão branco	E	Semente	Decocto	AVC
<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Mutamba	N	Casca Entrecasca	Molho	Queda de cabelo, Caspa e coceira Dor de dente
<i>Hibiscus sinesis</i> L.	Malvão	E	Flor	Decocto	Pedras nos rins, tosse Dor de dente
<i>Ceiba glaziovii</i> (Kuntze) K.Schum.	Barriguda	N	Entrecasca e raiz	Molho e Decocto	Hérnia Pedras nos rins
<i>Abelmoschus esculentes</i> (L.) Moench.	Quiabo	E	Fruto e Flor	Molho e chá abafado	Diabetes e Gripe
Moraceae					
<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam	Jaca	E	Folhas	Decocto	Má digestão
<i>Maclura tinctoria</i> (L.) D. Don ex Steud.	Tatajuba	N	Látex	Inatura	Dor de dente
Musaceae					
<i>Musa X paradisiaca</i> L.	Banana prata	N	Látex, flor, folha	Innatura,lambedor, Decocto	Aborto, gastrite, bronquite, sangramento, tosse
Myrtaceae					
<i>Eucalyptus globulus</i> Labill	Eucalipto	E	Folhas	Banho Infusão Lambedor	Febre, gripe, tosse, gripe, sinusite
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	N	Casca Folha	Infusão	Dor no estomago e dor de barriga
<i>Plinia cauliflora</i> (Mart.) Causel	Jabuticaba	N	Folha Casca	Decocto e Infusão	Colesterol alto Nascer dente de criança Dor de barriga
<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Oliveira	E	Entrecasca e Decocto	Decocto ,molho,infusão	Colesterol alto e pressão alta
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	N	Folhas	Decocto	Diarreia e
<i>Psidium guineense</i> Sw.	Araçá	N	Folhas	Decocto Infusão	dor de barriga
Nyctaginaceae					
<i>Guapira opposita</i> (Vell.) Reitz	João mole	N	Casca e folhas	Molho e Decocto	Inflamação e mioma
<i>Boerhavia diffusa</i> L.	Pega pinto	N	Raiz	Decocto	Inflamação

Tabela 2. Plantas medicinais citadas em entrevistas pelas populações das comunidades da Palmeira, Cuitegi-PB, com os respectivos nomes científicos e populares, parte utilizada, formas de preparo e uso local referido pelos informantes da pesquisa NV=Nome Vernacular, O=origem, E=Exótica, N=nativa, UL= Uso Local, PU= Parte Utilizada, FU=Forma utilizada. **(Continuação).**

Família/Nome científico	NV	O	UL	PU	FU
Olacaceae					
<i>Ximenia americana</i> L.	Ameixa	N	Folhas	Decocto e Pó	Ferimento
Oxalidaceae					
<i>Averhoa carambola</i> L.	Carambola	E	Folhas	Molho e Decocto	Dor na coluna e pressão alta
Papaveraceae					
<i>Argemone mexica</i> L.	Cardo santo	E	Semente	Decocto	AVC
Passifloraceae					
<i>Turnera subulata</i> Sm.	Chanana	N	Folhas	Decocto	Frieira
<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	N	Fruto Flor Folha	Suco e Infusão	Pressão alta, ansiedade e insônia
Pedaliaceae					
<i>Sesamum indicum</i> L.	Gergelim	E	Semente	Pó	AVC
Petiveriaceae					
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Tipi	N	Folhas e raiz	Molho e garrafada	Dor nas pernas e reumatismo
Phyllanthaceae					
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra pedra	N	Raiz Folhas	Decocto	Inflamação no útero e pedras nos rins
Piperaceae					
<i>Piper nigrum</i> L.	Pimenta do reino	E	Semente	Pó e Decocto	AVC e tosse
Plantaginaceae					
<i>Plantago major</i> L.	Transagem	E	Folha Semente	Infusão e Gargarejo	Inflamação na garganta
Poaceae					
<i>Zea mays</i> L.	Milho	E	Flor	Decocto	Infecção urinária
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Capim santo	E	Folhas	Infusão, Decocto e Banho	Mal-estar, febre, inflamação, falta de apetite, febre, pressão alta, dor de barriga, cólica intestinal, digestão, ansiedade, tosse, gripe
Rhamnaceae					
<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juá	N	Casca Fruto Entrecasca Folhas	Suco, Decocto, molho e lambedor	Caspa, previne câncer Escovar os dentes Tosse
Rosaceae					
<i>Rosa alba</i> L.	Rosa branca	E	Flor	Infusão e Decocto	Gripe e Tosse
Rubiaceae					
<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltde) K. Schum	Jenipapo brabo	N	Entrecasca, casca, folha, fruto	Molho, seiva, sumo, lambedor	Pancada, Quebradura de ossos, tosse
<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K. Schum	Quina-quina	N	Entrecasca Casca Folha	Banho, lambedor Garrafada Decocto	Ferimento, tosse, febre

Tabela 2. Plantas medicinais citadas em entrevistas pelas populações das comunidades da Palmeira, Cuitegi-PB, com os respectivos nomes científicos e populares, parte utilizada, formas de preparo e uso local referido pelos informantes da pesquisa NV=Nome Vernacular, O=origem, E=Exótica, N=nativa, UL= Uso Local, PU= Parte Utilizada, FU=Forma utilizada. **(Continuação).**

Família/Nome científico	NV	O	UL	PU	FU
<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	N	casca, folha, fruto	Seiva, molho, suco, sumo, lambedor	Diabetes, quebra-dura de ossos, gripe, pancada, quebra-dura de ossos, tosse, pancada
<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	E	Fruto	Garrafada Suco	Inflamação e câncer de próstata dor de cabeça Inflamação
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	E	Folhas	Sumo Infusão Molho	Cólica menstrual Conjuntivite, inflamação nos olhos, doença nos olhos, olho inchado, dor de ouvido Diabetes, insônia, Empachamento na barriga Dor de barriga Ansiedade
<i>Citrus maxima</i> (Burm. ex Rumph.) Merr.	Laranja	E	Fruto e folhas	Suco, Infusão, Decocto	Tosse e gripe
<i>Citrus Limon</i> (L.) Burm. f.	Limão	E	Casca e fruto	Suco, Infusão, Decocto e Lambedor	Pancada, hemorroidas, dor de barriga, coceira vaginal
<i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Mey.	Vassoura de botão	N	Raiz e Folhas	Decocto, sumo e Lambedor	
Sapindaceae					
<i>Cupania revoluta</i> Radlk.	Cabatã	N	Folhas	Decocto	Dor de barriga
Scrophulariaceae					
<i>Capraria biflora</i> L.	Chá preto	E	Folhas	Decocto	Dor de barriga Infecção intestinal
Solanaceae					
<i>Solanum agrarium</i> Sendtn	Gogoia	N	Raiz	Decocto	Inflamação
<i>Solanum rhytidandrum</i> Sendtn,	Jurubeba branca	N	Fruto, Raiz e semente	Decocto Suco Garrafada	Inflamação Limpeza intestinal Inflamação no útero Gordura no fígado
<i>Solanum tuberosum</i>	Batatinha	E	Raiz	Sumo	Gastrite
<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta	E	Folhas	Uso tópico	Caroço
Verbenaceae					
<i>Lantana camara</i> L.	Chumbinho	N	Flor e Folhas	Lambedor	Tosse Febre, mal-estar Falta de apetite, anemia Empachamento na barriga, dor de barriga, tosse, gripe, ansiedade
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br.	Erva-cidreira	N	Folhas	Decocto, Infusão	
Violaceae					
<i>Pombalia calceolaria</i> (L.) Paula-Souza	Papaconha	N	Raiz	Decocto	Doença de criança

Tabela 2. Plantas medicinais citadas em entrevistas pelas populações das comunidades da Palmeira, Cuitegi-PB, com os respectivos nomes científicos e populares, parte utilizada, formas de preparo e uso local referido pelos informantes da pesquisa NV=Nome Vernacular, O=origem, E=Exótica, N=nativa, UL= Uso Local, PU= Parte Utilizada, FU=Forma utilizada. **(Continuação).**

Família/Nome científico	NV	O	UL	PU	FU
Vitaceae					
<i>Cissus Verticillata</i> (L) Nicholson & C.E.Jarvis	Insulina	N	Folhas	Decocto	Diabetes
Xanthorrhoeaceae					
<i>Aloe vera</i> (L.)Brum. F.	Erva babosa	E	Folhas	Seiva Molho Decocto Inatura	Queda de cabelo Inflamação, Inflamação na pele Caroço Ferimento Câncer Gastrite Dor no estômago
Zingiberaceae					
<i>Zingiber officinale</i> Rosc.	Gengibre	E	Raiz	Decocto	Dor de garganta, azia
<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Cana da Índia	N	Raiz e folhas	Decocto e Infusão	Inflamação no fígado, pedras nos rins, dor na coluna, dor de barriga, inflamação na próstata
<i>Curcuma Longa</i> L.	Açafrão	E	Flor	Banho	Icterícia
<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burtt. & R.M.Sm.	Colônia	E	Flor e Folhas	Banho, Decocto, Infusão, Lamberdor, Vapor	Febre Queda de cabelo Tosse Gripe Descongestionante nasal Tosse Sinusite

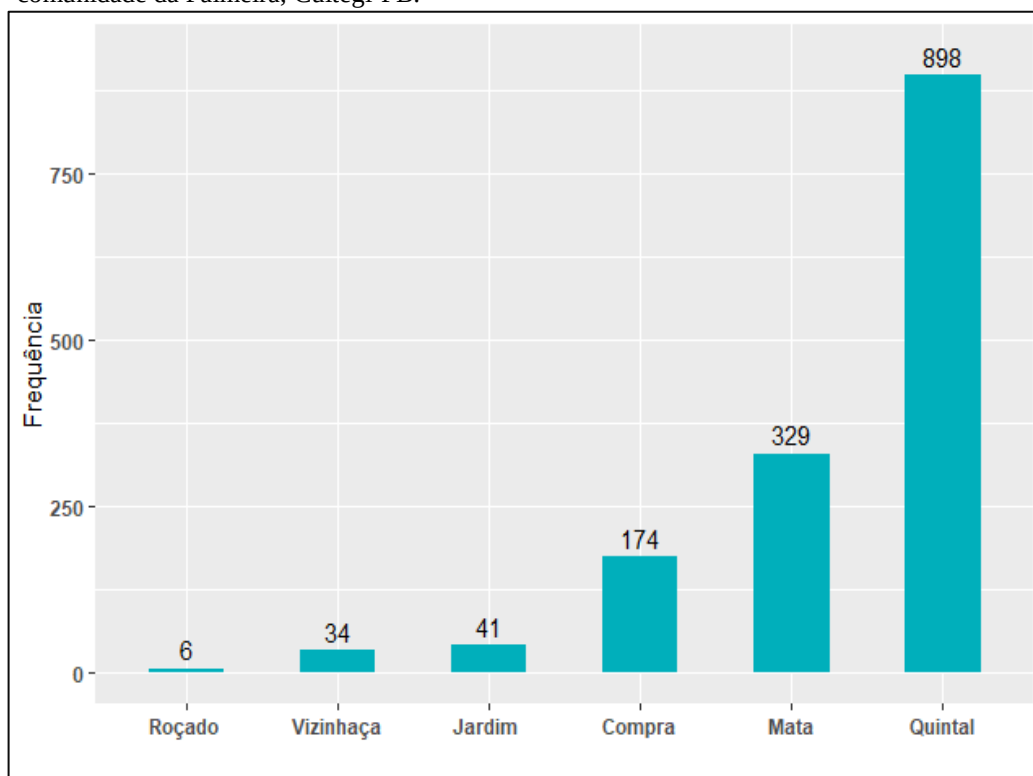
As indicações de preparo com as espécies para o tratamento das patologias que agredem o trato respiratório foram o *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spr. *Chenopodium ambrosioides* Hance, *Mentha x piperita* L (Hortelã da folha miúda); *Sambucus australis* Cham. & Schltdl., *Canthranthus roseus* (L) G. Tais informações são semelhantes com o levantamento etnobotânico realizado nas comunidades Quilombolas de Coremas-PB, na qual o *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spr. e *Mentha x piperita* L, receberam o maior número de citações quanto aos usos na medicina popular, além dessas espécies serem de fácil cultivo em jardins e quintais (PELLEGRINO, 2015).

3.4 Local de coleta

Os locais de coleta das espécies em quintais obtiveram o maior número de citações com n=898 (60,59%), mata n=330 (22,27%), compra n=176 (11,67%), jardim n=41 (2,77%), vizinhança n=34 (2,29%) e roçado n=6 (0,40%) (Figura 7). Foi evidenciado que os quintais são

os mais frequentados pelas mulheres, se caracterizando-se como uma farmácia viva, compartilhada entre os vizinhos e moradores de outras comunidades.

Figura 7 - N° de citações dos locais de coleta das espécies utilizadas pelos moradores da comunidade da Palmeira, Cuitegi-PB.

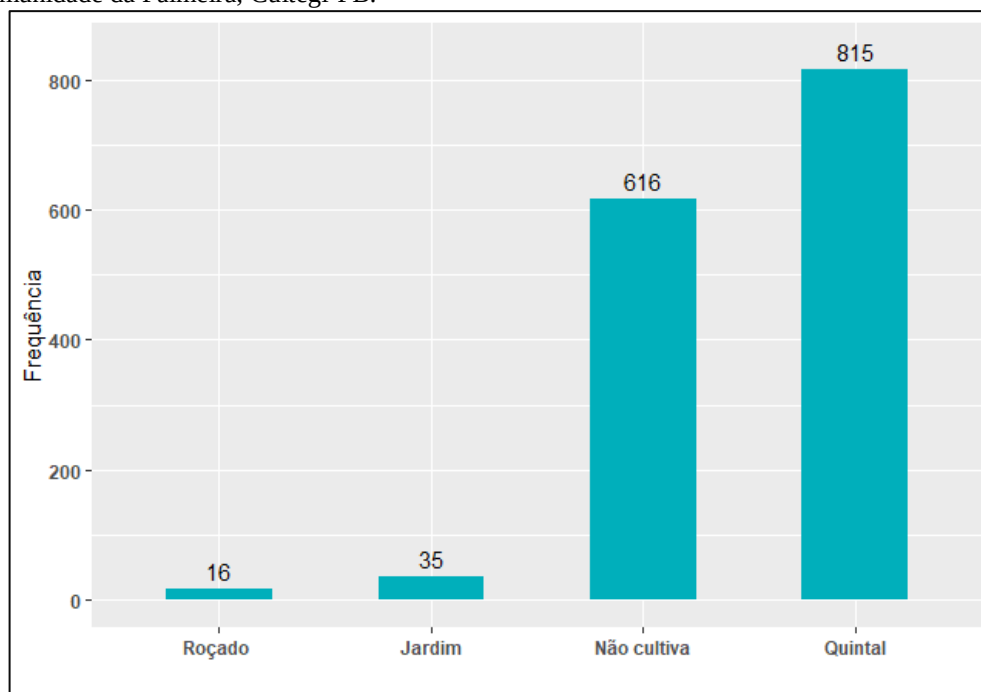


Dessa form, o quintal é um ambiente no qual as famílias cultivam plantas, criam animais, além de promoverem encontro festivos. É importante destacar que as espécies são cultivadas dependendo da sua propriedade terapêutica e ocupam diferentes espaços nos quintais, geralmente circundam toda a casa.

Resultados semelhantes foram encontrados em pesquisa na comunidade de ribeirinhos em Várzea Grande em Cuiabá-MT, onde as plantas medicinais foram encontradas nos quintais e no ambiente natural (mata e campo) (FIEBIG; PASA, 2018). As plantas ornamentais e ritualísticas são geralmente plantadas na frente das residências, sempre ao final dos quintais, são selecionadas para plantio das plantas de caráter terapêutico ou medicinais mantendo uma seleção das espécies entre frutíferas, ornamentais e medicinais (FERREIRA et al., 2016).

Encontramos os seguintes resultados, as espécies cultivadas em quintais n=815, (54,99%), não cultiva n=616, (41,47%), jardim n=35 (2,36%), roçado n=16, (1,08%) quando não cultivadas, geralmente são coletadas na mata ou compradas de raizeiros no mercado público do município de Guarabira-PB.

Figura 8-Nº de citações dos locais de cultivo das espécies utilizadas pelos moradores da comunidade da Palmeira, Cuitégi-PB.



Notou-se, a importância cultural das plantas, citadas pelos moradores pela diversidade de espécies encontradas nos quintais e pelo conhecimento de uso de espécies nativas e exóticas para os diversos usos. Constatou-se, a relação que os envolvem diante dos preparos caseiros e aproximação dos informantes com o cultivo das espécies nas suas residências. Outra ligação que envolve os informantes é a relação de respeito e agradecimentos aos especialistas locais que desenhem um amplo conhecimento sobre a manipulação das plantas medicinais.

3.5 Importância Relativa (IR) das plantas medicinais da comunidade do Sítio Palmeira, Cuitégi-PB

As espécies de maiores versatilidades, com destaque a *Mentha x piperita* L (Hortelã da folha miúda) IR (2,00), *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. (Capim santo) IR (1,17), *Anacardium occidentale* L. (Caju-roxo) IR (1,64) e *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. (Erva-cidreira) IR (1,36) (Tabela 3) apresenta-se as principais espécies de maiores números de importância para os moradores da comunidade.

Tabela 3 - Plantas medicinais citadas pelos informantes, VU_{geral}, VU_{atual}, VU_{potencial}, IR, comunidade, Palmeira, Cuitégi-PB.

Família	Nome científico	Nome vulgar	VUg	VUat	VUp	IR
Acanthaceae	<i>Justicia pectoralis</i>	Sete cura	0,14	0,03	0,11	0,39
Adoxaceae	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltdl.	Sabugueira	0,57	0,16	0,41	0,66
Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) o. Kuntze	Perpetua branca	0,03	0,00	0,03	0,27
	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Anador	0,04	0,00	0,04	0,46
Amaryllidaceae	<i>Habranthus itaobinus</i> Ravenna	Alho do mato	0,03	0,01	0,01	0,20
	<i>Allium cepa</i> L.	Cebola branca	0,15	0,04	0,11	0,46
	<i>Allium sativum</i> L.	Alho	0,11	0,04	0,07	0,86
Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju roxo	0,84	0,28	0,55	1,64
	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	Sete Casco	0,03	0,00	0,03	0,39
	<i>Mangifera indica</i> L.	Manga espada	0,18	0,05	0,12	0,34
	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	0,70	0,50	0,20	1,38
Annoniaceae	<i>Annona montana</i> Macfad.	Ariticum	0,08	0,03	0,05	0,20
	<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	0,15	0,04	0,11	0,66
Apiaceae	<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro	0,04	0,00	0,04	0,39
	<i>Daucus carota</i> L.	Cenoura	0,03	0,01	0,01	0,39
	<i>Eryngium foetidum</i> L.	Coentro brabo	0,01	0,00	0,01	0,20
	<i>Pimpinella anisum</i> L.	Erva-doce	0,36	0,23	0,14	1,00
	<i>Petroselinum sativum</i> .	Salsa	0,04	0,00	0,04	0,34
Apocynaceae	<i>Cantharanthus roseus</i> (L) G. Don	Boa noite branca	0,31	0,05	0,26	0,46
Arecaceae	<i>Syagrus cearensis</i> Noblick	Coco catolé	0,12	0,03	0,09	0,93
	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco	0,15	0,00	0,15	1,32
Aristolochiaceae	<i>Aristolochia cymbifera</i> Mart. & Zucc	Contra erva	0,03	0,00	0,03	0,27
Asteraceae	<i>Helianthus annuus</i> L.	Girassol	0,04	0,00	0,04	0,20
	<i>Lactuca sativa</i>	Alface	0,01	0,00	0,01	0,20
	<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauscherte	Camomila	0,24	0,22	0,03	0,20
	<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	Espinho de cigano	0,03	0,00	0,03	0,27
	<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC	Macela	0,01	0,00	0,01	0,20
Bignoniaceae	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook. f. ex S. Moore	Pau d'arco amarelo	0,01	0,00	0,01	0,20
	<i>Crescentia cujete</i> L.	Coité	0,03	0,00	0,03	0,20
	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. Ex DC.) Mattos	Pau d'arco roxo	0,09	0,00	0,09	0,98
	<i>Jacarandá copaia</i> (Aubl.) D. Don	Caraúba	0,03	0,00	0,03	0,27
	<i>Jacaranda micrantha</i> Cham.	Caroba	0,04	0,00	0,04	0,39
Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L.	Açafrão	0,20	0,01	0,19	0,66
Brasicaceae	<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe	Couve	0,11	0,01	0,09	0,27
Bromeliaceae	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	0,07	0,03	0,04	0,27
Cactaceae	<i>Opuntia ficus-indica</i> Mill.	Palma	0,01	0,00	0,01	0,20
	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Cardeiro	0,01	0,00	0,01	0,20
Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	0,15	0,04	0,11	0,20
Caryophyllaceae	<i>Dianthus caryophyllus</i> L.	Cravo branco	0,08	0,00	0,08	0,46
Cecropiaceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Embaúba	0,03	0,00	0,03	0,20
Celastraceae	<i>Maytenus ilicifolia</i> Reissek	Espinheira santa	0,03	0,03	0,00	0,20
Chenopodiaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> Hance	Mastruz	0,64	0,26	0,38	1,27
	<i>Beta vulgaris</i> L.	Beterraba	0,04	0,03	0,01	0,27

Tabela 3 - Plantas medicinais citadas pelos informantes, VU_{geral}, VU_{atual}, VU_{potencial}, IR, comunidade, Palmeira, Cuitégi-PB.

Família	Nome científico	Nome vulgar	VUg	VUat	VUp	IR
Cleomaceae	<i>Tarenaya spinosa</i> (Jacq.) Raf.	Mussambê	0,03	0,00	0,03	0,20
Commelinaceae	<i>Cammelina difusa</i> Burm. f.	Erva de santa maria	0,03	0,01	0,01	0,20
Convolvulaceae	<i>Operculina hamiltonii</i> (G.Don) D.F.Austin & Staples	Batata de pulga	0,04	0,00	0,04	0,20
Crassulaceae	<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Camb.	Saião	0,26	0,20	0,05	0,20
Cucurbitaceae	<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Chuchu	0,11	0,01	0,09	0,20
	<i>Sicana odorifera</i> (Vell.) Naudin	Cruá	0,01	0,00	0,01	0,20
	<i>Cucumis anguria</i> L. Lineu.	Maxixe	0,01	0,00	0,01	0,20
	<i>Cucumis sativus</i>	Pepino	0,09	0,01	0,08	0,20
	<i>Momordica charantia</i> L.	Melão de são Caitano	0,23	0,07	0,16	0,39
Euphorbiaceae	<i>Croton blanchetianus</i> Baill.	Marmeleiro	0,09	0,00	0,09	0,20
	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão roxo	0,20	0,01	0,19	0,88
Fabaceae	<i>Senegalia polyphylla</i> (DC). Britton & Rose	Espinheiro	0,01	0,00	0,01	0,20
	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Barbatimão	0,18	0,01	0,16	0,59
	<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	0,01	0,00	0,01	0,20
	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf	Copaiba	0,01	0,00	0,01	0,20
	<i>Erythrina velutina</i> Willd.	Mulungu	0,07	0,00	0,07	0,20
	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A. C. Sm.	Cumarú	0,08	0,04	0,04	0,79
	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell) Brenan	Angico	0,47	0,09	0,38	1,00
	<i>Hymenoclea barbatula</i> L.	Jatobá	0,27	0,04	0,23	0,93
	<i>Leucaena leucocephala</i> (Lam.)	Leucena	0,01	0,00	0,01	0,20
	<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. Ex Tul.) L. P. Queiroz	Jucá	0,14	0,00	0,14	0,73
	<i>Machaerium</i> sp.	Espinho rei	0,04	0,00	0,04	0,20
	<i>Pterodon emarginatus</i> Vog	Sucupira	0,01	0,00	0,01	0,20
	<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	Pata de vaca	0,01	0,00	0,01	0,20
	<i>Cenostigma pyramidale</i> (Tul.) E. Gagnon & G.P. Lewis	Catingueira	0,01	0,00	0,01	0,20
	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp.	Guandú	0,03	0,00	0,03	0,20
Geraniaceae	<i>Pelargonium graveolens</i> L'Hér.	Malva rosa	0,18	0,01	0,16	0,66
Illiciaceae	<i>Illicium verum</i> Hocker	Anil estrelado	0,07	0,01	0,05	0,20
Lamiaceae	<i>Rosmarinus officinalis</i>	Alecrim	0,26	0,05	0,20	0,54
	<i>Salvia officinalis</i> L.	Sálvia	0,05	0,01	0,04	0,20
	<i>Tetradenia riparia</i> (Hochst.) Codd	Mirra	0,01	0,00	0,01	0,20
	<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.	Alfazema	0,03	0,01	0,01	0,39
	<i>Leonotis neptaeifolia</i> (L.) R.Br	Cordão de São Francisco	0,01	0,01	0,00	0,20
	<i>Mentha x piperita</i> L.	Hortelã da folha miúda	0,64	0,42	0,22	2,00
	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjerição	0,12	0,00	0,12	0,27
	<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	Alfavaca	0,15	0,08	0,07	0,73
	<i>Plectranthus unguentarius</i> Codd	Hortelã de homem	0,05	0,00	0,05	0,46
	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spr.	Hortelã da folha grossa	0,76	0,39	0,36	1,20
	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo	0,50	0,28	0,22	0,61

Tabela 3 - Plantas medicinais citadas pelos informantes, VU_{geral}, VU_{atual}, VU_{potencial}, IR, comunidade, Palmeira, Cuitegi-PB.

Família	Nome científico	Nome vulgar	VUg	VUat	VUp	IR
	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart.	Macassá	0,22	0,00	0,22	1,05
Lauraceae	<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	0,18	0,04	0,14	0,61
	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyn.	Canela	0,27	0,01	0,26	0,80
Linaceae	<i>Linum usitatissimum</i> L.	Linhaça	0,03	0,00	0,03	0,39
Loasaceae	<i>Aosa rupestres</i> (Gardner) Weigend	Urtiga branca	0,19	0,09	0,09	1,25
Lythraceae	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	0,47	0,18	0,30	1,32
Malpighiaceae	<i>Malpighia puniceifolia</i> L.	Acerola	0,15	0,09	0,05	0,27
Malvaceae	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodão branco	0,01	0,00	0,01	0,20
	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Mutamba	0,05	0,01	0,04	0,34
	<i>Hibiscus sinesis</i> L.	Malvão	0,12	0,05	0,07	0,46
	<i>Ceiba glaziovii</i> (Kuntze) K.Schum.	Barriguda	0,04	0,00	0,04	0,39
	<i>Abelmoschus esculentes</i> (L.) Moench.	Quiabo	0,04	0,01	0,03	0,39
Moraceae	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Jaca	0,01	0,00	0,01	0,20
	<i>Maclura tinctoria</i> (L.) D. Don ex Steud.	Tatajuba	0,01	0,00	0,01	0,20
Musaceae	<i>Musa X paradisiaca</i> L.	Banana prata	0,14	0,00	0,14	0,80
Myrtaceae	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill	Eucalipto	0,24	0,05	0,19	0,54
	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	0,14	0,04	0,09	0,27
	<i>Plinia cauliflora</i> (Mart.) Causel	Jabuticaba	0,04	0,00	0,04	0,59
	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Oliveira	0,11	0,01	0,09	0,39
	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	0,28	0,11	0,18	0,27
	<i>Psidium guineense</i> Sw.	Araçá	0,11	0,01	0,09	0,27
Nyctaginaceae	<i>Guapira opposita</i> (Vell.) Reitz	João mole	0,04	0,00	0,04	0,39
	<i>Boerhavia diffusa</i> L.	Pega pinto	0,01	0,00	0,01	0,20
Olacaceae	<i>Ximenia americana</i> L.	Ameixa	0,03	0,00	0,03	0,20
Oxalidaceae	<i>Averhoa carambola</i> L.	Carambola	0,03	0,00	0,03	0,39
Papaveraceae	<i>Argemone mexicana</i> L.	Cardo santo	0,01	0,00	0,01	0,20
Passifloraceae	<i>Turnera subulata</i> Sm.	Chanana	0,01	0,00	0,01	0,20
	<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	0,11	0,04	0,07	0,46
Pedaliaceae	<i>Sesamum indicum</i> L.	Gergelin	0,01	0,00	0,01	0,20
Petiveriaceae	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Tipi	0,04	0,00	0,04	0,39
Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra pedra	0,09	0,01	0,08	0,39
Piperaceae	<i>Piper nigrum</i> L.	Pimenta do reino	0,12	0,03	0,09	0,39
Plantaginaceae	<i>Plantago major</i> L.	Transagem	0,04	0,00	0,04	0,20
Poaceae	<i>Zea mays</i> L.	Milho	0,01	0,00	0,01	0,20
	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Capim santo	0,85	0,70	0,15	1,75
Rhamnaceae	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juá	0,12	0,04	0,08	0,79
Rosaceae	<i>Rosa alba</i> L.	Rosa branca	0,19	0,07	0,12	0,34
Rubiaceae	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltdle) K. Schum	Jenipapo brabo	0,09	0,00	0,09	0,59
	<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K. Schum	Quina-quina	0,07	0,00	0,07	0,59
	<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	0,50	0,01	0,49	0,73
	<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	0,08	0,01	0,07	0,59
	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	0,42	0,01	0,41	1,07
	<i>Citrus maxima</i> (Burm. ex Rumph.) Merr.	Laranja	0,36	0,08	0,28	1,00
	<i>Citrus Limon</i> (L.) Burm. f.	Limão	0,19	0,07	0,12	0,27

Tabela 3 - Plantas medicinais citadas pelos informantes, VU_{geral}, VU_{atual}, VU_{potencial}, IR, comunidade, Palmeira, Cuitegi-PB.

Família	Nome científico	Nome vulgar	VUg	VUat	VUp	IR
	<i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Mey.	Vassoura de botão	0,12	0,04	0,08	0,79
Sapindaceae	<i>Cupania revoluta</i> Radlk.	Cabatã	0,01	0,00	0,01	0,20
Scrophulariaceae	<i>Capraria biflora</i> L.	Chá preto	0,03	0,00	0,03	0,27
Solanaceae	<i>Solanum agrarium</i> Sendtn	Gogoia	0,01	0,00	0,01	0,20
	<i>Solanum rhytidoandrum</i> Sendtn,	Jurubeba branca	0,08	0,00	0,08	0,66
	<i>Solanum tuberosum</i>	Batatinha	0,01	0,00	0,01	0,20
	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta	0,03	0,01	0,01	0,20
Verbenaceae	<i>Lantana camara</i> L.	Chumbinho	0,05	0,01	0,04	0,20
	<i>Lippia alba</i> (Mill.)N.E.Br.	Erva-cidreira	0,88	0,73	0,15	1,39
Violaceae	<i>Pombalia calceolaria</i> (L.) Paula-Souza	Papaconha	0,01	0,00	0,01	0,20
Vitaceae	<i>Cissus Verticillata</i> (L) Nicholson & C.E.Jarvis	Insulina	0,03	0,00	0,03	0,20
Xanthorrhoeaceae	<i>Aloe vera</i> (L.)Brum. F.	Erva babosa	0,35	0,15	0,20	1,20
Zingiberaceae	<i>Zingiber officinale</i> Rosc.	Gengibre	0,04	0,03	0,01	0,27
	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Cana da Índia	0,19	0,00	0,19	0,86
	<i>Curcuma Longa</i> L.	Açafoa	0,01	0,00	0,01	0,20
	<i>Alpina zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burt. & R.M.Sm.	Colônia	0,54	0,22	0,32	1,00
	<i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Mey.	Vassoura de botão	0,12	0,04	0,08	0,79
Sapindaceae	<i>Cupania revoluta</i> Radlk.	Cabatã	0,01	0,00	0,01	0,20
Scrophulariaceae	<i>Capraria biflora</i> L.	Chá preto	0,03	0,00	0,03	0,27
Solanaceae	<i>Solanum agrarium</i> Sendtn	Gogoia	0,01	0,00	0,01	0,20
	<i>Solanum rhytidoandrum</i> Sendtn,	Jurubeba branca	0,08	0,00	0,08	0,66
	<i>Solanum tuberosum</i>	Batatinha	0,01	0,00	0,01	0,20
	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta	0,03	0,01	0,01	0,20
Verbenaceae	<i>Lantana camara</i> L.	Chumbinho	0,05	0,01	0,04	0,20
	<i>Lippia alba</i> (Mill.)N.E.Br.	Erva-cidreira	0,88	0,73	0,15	1,39
Violaceae	<i>Pombalia calceolaria</i> (L.) Paula-Souza	Papaconha	0,01	0,00	0,01	0,20
Vitaceae	<i>Cissus Verticillata</i> (L) Nicholson & C.E.Jarvis	Insulina	0,03	0,00	0,03	0,20
Xanthorrhoeaceae	<i>Aloe vera</i> (L.)Brum. F.	Erva babosa	0,35	0,15	0,20	1,20
Zingiberaceae	<i>Zingiber officinale</i> Rosc.	Gengibre	0,04	0,03	0,01	0,27
	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Cana da Índia	0,19	0,00	0,19	0,86
	<i>Curcuma Longa</i> L.	Açafoa	0,01	0,00	0,01	0,20
	<i>Alpina zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burt. & R.M.Sm.	Colônia	0,54	0,22	0,32	1,00
	<i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Mey.	Vassoura de botão	0,12	0,04	0,08	0,79

Geralmente, essas plantas são cultivadas nos quintais perto de outras espécies maiores. Recomenda-se, também segundo os informantes no trato com essa espécie o uso do Infusão. Porém, há todo um manejo com essas espécies, havendo a preferência em cultivá-la em vasos, pois torna-se melhor para manter os cuidados.

A *Mentha x piperita* L (Hortelã da folha miúda), destaca-se nas preparações caseiras de infusão, suco, sumo e lambedores, usado no tratamento de diversas patologias como

verminoses, insônia, Acidente Vascular Cerebral (AVC), cólica menstrual, dor de barriga, dor no ouvido, gases, hemorragia, inflamações e pressão alta. O uso da hortelã miúdo com ação antiparasitária foi evidenciado no estudo com plantas medicinais (GOMES; BANDEIRA, 2012). Esse resultado, assemelha-se aos obtidos no estudo etnobotânico sobre plantas medicinais com princípios ativos antiparasitária (SANTOS-LIMA et al., 2016).

As informações obtidas comprovaram que o uso de plantas medicinais é um importante recurso para os moradores da comunidade na manutenção da saúde, mesmo com visitas mensais de Agente Comunitário de Saúde-ACS e com a cobertura do Programa Saúde da Família, mesmo diante desse quadro os moradores têm a cultura do cultivo e uso das plantas medicinais cotidianamente.

De acordo com o estudo, no que se refere ao conhecimento das mulheres, senhoras agricultoras que além das atividades do lar e prevalece as responsabilidades com filhos, mantém os cuidados com a terra que é cultivada nas extremidades da casa na qual, residem a família, além de cultivar, regar e coletar as espécies, estas prepararem as medicações caseiras. Resultados semelhantes foram vistos na pesquisa etnobotânica em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil, onde a participação efetiva da mulher na agricultura está principalmente direcionada aos cuidados com a produção de farinha de mandioca, cultivo de plantas medicinais e condimentares no entorno das casas (VÁSQUEZ, et al., 2014).

No entanto, os homens trabalhadores da agricultura apresentaram um conhecimento mais apurado para uso das espécies lenhosas geralmente da mata e ou cultivadas nos roçados. Quanto ao uso medicinal são detentores do conhecimento mais específicos de preparos das garrafadas, na qual utilizam uma combinação de plantas de acordo com a indicação terapêutica.

3.6 Distribuição do conhecimento entre os informantes

A distribuição do conhecimento entre os informantes da pesquisa encontra-se em um grupo de 74 informantes, obtendo-se um número de citações de homem $n=453$ (30, 57%) e mulheres $n=1029$ (69,03%). Ocorreu mais dificuldades em coletar as informações dos entrevistados com faixa-etária variando entre 18 a 29 anos. O grupo da faixa etária de 30 a 60 anos teve maior disponibilidade, mas existiu a dificuldade de coletar as informações, devido os informantes não lembrar o nome das espécies.

Foram constatados que não existem diferenças estatísticas significativas quanto ao grupo etário das mulheres e as espécies citadas ($X^2 = 239,85$, $p = 0,89$), e entre o grupo estário das mulheres e origem das espécies (nativa e exóticas) ($X^2 = 3,3$, $p = 0,19$).

Porém, existem diferenças significativas entre o grupo etário e as indicações terapêuticas dos usos das espécies citadas ($X^2 = 231,94$, $p = 0,009$). Pois as mulheres adultas e idosas (adultas > 29 e < 60 , idosas ≥ 60) citam mais indicação de uso terapêuticos para cada espécie do que as mulheres jovens (≤ 29 anos). Considerando a distribuição do conhecimento em função da idade e do número de plantas e indicação de uso conhecidos, percebe-se que a variação é dada pelo grupo mais jovens das mulheres (MARÍN, 2014).

3.7 Diversidade de usos e importâncias das plantas

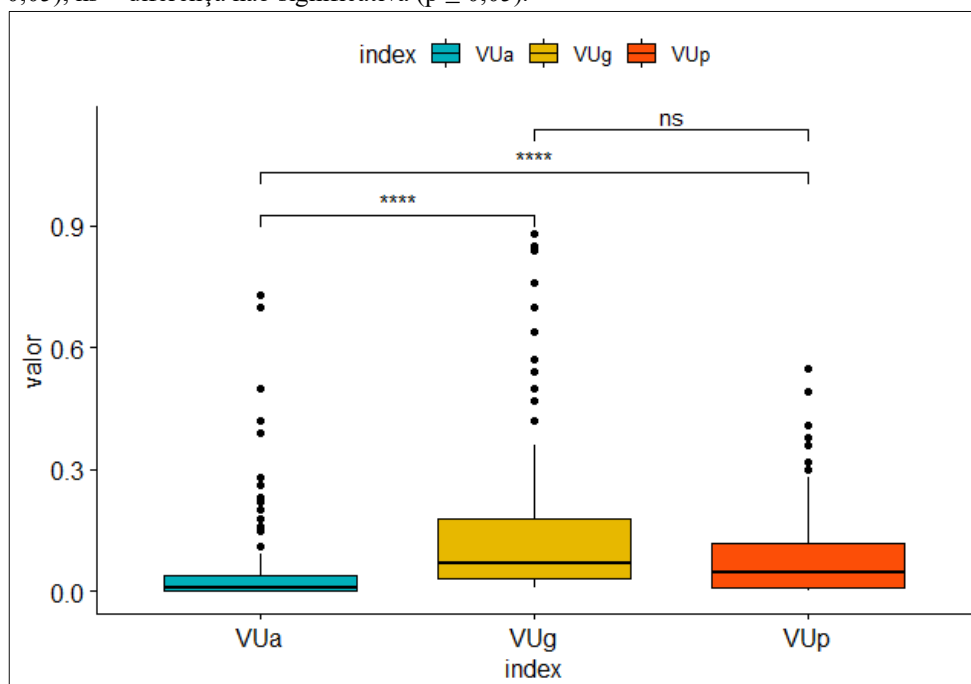
Os resultados do VU_{geral} , apresentaram que as espécies que obtiveram os maiores valores foram: A *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. (Erva cidreira) VU_{geral} (0,88); o *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. (Capim santo) VU_{geral} (0,85), espécie muito comum na comunidade praticamente foi encontrada em todas as residências; O *Anacardium occidentale* L. (Caju-roxo) VU_{geral} (0,84), e *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spr. VU_{geral} (0,76).

Quanto ao VU_{atual} as espécies que obtiveram os maiores índices foram: A *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. (Erva cidreira) VU_{atual} (0,73), *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. (Capim santo) VU_{atual} (0,70), *Myracrodruon urundeuva* Allemão (Aroeira) VU_{atual} (0,50), *Mentha x piperita* L. (Hortelã da folha miúda) VU_{atual} (0,42). As informações dos valores de uso comprovam a importâncias das espécies para diversos usos terapêuticos.

Quanto as informações dos valores de uso potencial o *Anacardium occidentale* L.A. St. Hil. (Caju-roxo) obteve o $VU_{\text{potencial}}$ (0,55), *Genipa americana* L (Jenipapo) $VU_{\text{potencial}}$ (0,49), *Sambucus australis* Cham. & Schltdl. (Sabugueira) $VU_{\text{potencial}}$ (0,41), e *Ruta graveolens* L. (Arruda) $VU_{\text{potencial}}$ (0,41).

Como resultados podemos afirmar que foram encontradas diferenças significativas entre o VU_{geral} ($0,14 \pm 0,18$, $\min = 0,01$, $\max = 0,88$) e VU_{atual} ($0,04 \pm 0,11$, $\min = 0$, $\max = 0,73$) ($p \leq 0,05$) e, entre VU_{atual} e $VU_{\text{potencial}}$ ($p \leq 0,05$). Não foi observado uma diferença significativa entre VU_{geral} e $VU_{\text{potencial}}$ ($0,09 \pm 0,10$, $\min = 0,20$, $\max = 2,0$) ($p = 0,09$) (Figura 9).

Figura 8- Boxplot dos valores de uso. VU_{geral}=Valor de uso Geral VU_{atual} = Valor de uso atual, VU_{potencial} = Valor de uso potencial. **** diferença significativa ($p \leq 0,05$), ns = diferença não significativa ($p \geq 0,05$).



Foram encontrados relação positiva significativa entre VU_{geral} e VU_{atual} ($rs=0,78$, $p \leq 0,05$), VU_{geral} e VU_{potencial} ($rs=0,95$, $p \leq 0,05$), VU_{atual} e VU_{potencial} ($rs=0,61$, $p \leq 0,05$), VU_{geral} e IR ($rs=0,77$, $p \leq 0,05$), VU_{atual} e IR ($0,47 \pm 0,37$, $\min=0,20$, $\max=2$) ($rs = 0,52$, $p \leq 0,05$) e VU_{potencial} e IR ($rs=0,78$, $p \leq 0,05$). (Figura 9). Isto comprava que existe correlação entre todos os índices testado na pesquisa.

O resultado comprovou que através dos índices que analisaram fatores diferentes com número de citações de uso por informante (VU) e número de propriedades e sistemas corporais (IR). Pois, a importância de uma espécie não é exclusivamente determinada por seu número de utilização, mas, por ela ser conhecida localmente (BRITO, et al, 2015).

Entende-se, que as espécies de uso atual estão mais relacionadas ao cotidiano dos entrevistados sendo na grande maioria cultivadas em quintais, e citadas para o combate de sintomas mais gerais como: tosse e resfriados ou algum mal-estar imediato. Já no caso, das espécies de valores potencial são utilizadas com mais especificidade quanto ao tratamento de inflamações, diabetes, febre, cólica menstrual e entre outras. O resultado comprovou que o uso de plantas medicinais assume grande valor para as famílias da comunidade estuda e fazem parte do seu cotidiano mesmo nos dias atuais, com todos os benefícios da globalização.

3.8 Classificação das espécies de plantas consideradas mais importantes para a comunidade Palmeira, Cuitégi-PB

A Tabela 4 listas o ranking das 10 espécies mais importantes derivadas das técnicas do VU_{geral}, VU_{atual}, VU_{potencial} e IR. Ambas as técnicas consideraram a classificação das cinco espécies que conseguiram os maiores lugares no ranking tem relação quanto as indicações terapêuticas referentes aos sistemas digestório, respiratório e as afecções não definidas e dores não definidas.

Tabela 4 - Ranking das 10 espécies de plantas consideradas mais importantes para a comunidade rural da Palmeira, Cuitégi-PB (Nordeste do Brasil), com base em duas medidas quantitativas de importância relativa. VU = valor de uso (VU_{geral}, VU_{atual}, VU_{potencial}), IR = Importância Relativa.

Classificação Botânica	Ranking			
	VU _{geral}	VU _{atual}	VU _{potencial}	IR
<i>Aloe vera</i> (L.) Brum. F.	-	-	-	10º
<i>Alpina zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burtt. & R.M.Sm.	9º	10º	8º	-
<i>Anacardium occidentale</i> L.	3º	6º	1º	3º
<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell) Brenan	-	-	5º	-
<i>Aosa rupestres</i> (Gardner) Weigend	-	-	-	9º
<i>Chamomilla recutita</i> (L) Rauscherte	-	10º	-	-
<i>Chenopodium ambrosioides</i> Hance	6º	8º	5º	8º
<i>Citrus maxima</i> (Burm. ex Rumph.) Merr.	-	-	10º	-
<i>Cocos nucifera</i> L.	-	-	-	6º
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	2º	2º	-	2º
<i>Genipa americana</i> L.	10º	-	2º	-
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br.	1º	1º	-	4º
<i>Mentha x piperita</i> L.	6º	4º	-	1º
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	5º	3º	-	5º
<i>Pimpinella anisum</i> L.	-	9º	-	-
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spr.	4º	5º	7º	10º
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	10º	6º	-	-
<i>Punica granatum</i> L.	-	-	9º	6º
<i>Ruta graveolens</i> L.	-	-	3º	-
<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltdl.	8º	-	3º	-

A *Mentha x piperita* L. apresenta no ranking o 1º lugar de IR, porém o 6º lugar de VU_{geral}, 4º VU_{atual}. Portanto, a espécie demonstra-se uma versatilidade quanto a indicação terapêutica. Resultados semelhantes quanto a *Mentha x piperita* L. índice obtido quanto ao índice IR, foram encontrados em trabalhos etnobotânicos no município de Pimibu, no litoral sul do estado da Paraíba, no qual identificou-se diversidade de indicação de quatro sistema corporais (BRITO, et al, 2015)

4 CONCLUSÃO

Na comunidade do Sítio Palmeira, Cuitegi (PB) as espécies mais citadas *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br.(Ervacidreira), *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. (Capim santo), *Anacardium occidentale* L. (caju-roxo). Dentre as famílias botânicas a Fabaceae, destacou-se como a mais representativa em número de indivíduos, as folhas como a parte das plantas mais utilizadas nos preparos com plantas medicinais para as indicações terapêuticas nos tratamentos de doenças que afetam os sistemas digestório, respiratório e afecções e dores não definidas.

As espécies de uso medicinal possuem uma relevância para os moradores da comunidade da Palmeira, observou-se um amplo conhecimento principalmente das mulheres em relação a espécies e indicação terapêutica. A aplicação dos índices VU_{geral} , VU_{atual} , $VU_{\text{potencial}}$, e IR demonstraram que as espécies com os valores mais significativas têm um elenco de indicação de usos.

Quanto as análises estatísticas estas comprovaram que não existem diferenças significativas quanto ao grupo etário das mulheres e as espécies citadas. Entretanto, existem diferenças significativas entre o grupo etário das mulheres e as indicações terapêuticas, comprovando-se que existe uma relação maior entre o número de citações de indicações terapêuticas das espécies medicinais em relação ao grupo etário das mulheres adultas e idosas.

Quanto as análises do VU, foram encontradas diferenças significativas entre o VU_{geral} e VU_{atual} , entre VU_{atual} e $VU_{\text{potencial}}$. Não foi observado uma relação significativa entre VU_{geral} e $VU_{\text{potencial}}$. No entanto, houve uma relação positiva significativa entre VU_{geral} e VU_{atual} e VU_{geral} e $VU_{\text{potencial}}$. VU_{atual} e $VU_{\text{potencial}}$ e VU_{geral} e IR. Demonstrando ter uma relação entre as indicações de usos e os números de propriedades terapêuticas e versatilidades dessas espécies.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P. **Catálogo de plantas medicinais da Caatinga**: guia para ações de extensão. Bauru, SP: canal 6, 2010. 68.p

ALBUQUERQUE, U. P. **Encontros e desencontros na pesquisa etnobilógica e etnoecológica**: os desafios do trabalho de campo. Recife: NUPEEA, 2009. 288p.

ALBUQUERQUE, U. P. **Etnobiologia e biodiversidade**. Coordenação Natália Hanazaki. Recife: NUPEEA. Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2005.78p.

ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução à etnobotânica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005. p.93

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L.H.C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Rev. Acta Bot. Bras.** v.16, 2002. p.273-285.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; ALENCAR, N. L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R.F.P.; CUNHA, L. V. F. C. **Métodos na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: NUPEEA, 2010. p. 41-64.

ALBUQUERQUE, U. P.; RAMOS, M. A.; JÚNIOR, W. S. F.; MEDEIROS, P. M. **Ethnobotany for Beginners**. Springer briefs in plant Science, 2017.

ALBUQUERQUE, U.P., OLIVEIRA, R. F. Is the use-impact on native caatinga species in Brazil reduced by the high species richness of medicinal plants? **Journal of Ethnopharmacology**, 113, 2007, p.156-170.

ALBUQUERQUE, U.P., Re-examining hypotheses concerning the use and knowledge of medicinal plants: a study in the Caatinga vegetation of NE Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**. v.2, n.30. 2006, p. 1-10.

ALENCAR, N. L. **Farmacopéias tradicionais: o papel das plantas medicinais na sua constituição, formação e manutenção em comunidades da Caatinga** (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação em Botânica-Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2012, 129p.

ALENCAR, N.L.; MEDEIROS, P.M.; ALBUQUERQUE, U.P. **Atualidade em Etnobiologia e Etnoecologia**. Nupeea/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2006. p.200.

ALEXIADES, M. **selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual**. New York: New York Botanical Garden, 1996.

ALMEIDA NETO, J. R.; BARROS, R. F. M.; SILVA, P. R. R. Uso de plantas medicinais em comunidades rurais da Serra do Passa-Tempo, estado do Piauí, Nordeste do Brasil. **R. bras. Bioci.** Porto Alegre, v. 13, n. 3, 2015 p.165-175.

ALMEIDA, C.F.C.B.; ALBUQUERQUE, U.P. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. **Interciência**. n.26, 2002, p.276-285.

ALVES, C. A. B.; SILVA, S.; BELARMINO, N. A. L. A; SOUZA, R. S.; DA SILVA, D. R.; ALVES, P. R. R. Comercialização de plantas medicinais: um estudo etnobotânico na feira livre do município de Guarabira, Paraíba, nordeste do Brasil. **Gaia Scientia**, v10, n.4, 2017.

AMOROZO, M.C.M. **A perspectiva etnobotânica na conservação de biodiversidade**. Departamento de ecologia, instituto de biociências UNESP, 2008.

ANDERSON, F.J. **An illustrated history of the herbals**. Columbia University Press, New York, 1977.

ANDRADE, A. M. F.; SILVA, D. R.; SILVA, S.; ALVES, C. A. B. Inventário etnobotânico de plantas medicinais na comunidade de Titara, Pilões-PB, Nordeste do Brasil In: SEABRA,

G. **Educação ambiental: biomas, paisagens e o saber ambiental** / Giovanni Seabra (Organizador). Ituiutaba: Barlavento, 2017. 1440p.

BAKER, H.G. **Las plantas y la civilizacion**. 1 ° ed. Herrero Hermanos Sucesores S. A., Ciudad de México, 1968.

BARACUHY, J.G.V.; FURTADO, D.A.; FRANCISCO, P.R.M.; LIMA, J.L.S.; PEREIRA, J.P.G. **Plantas medicinais de uso comum no Nordeste do Brasil**. 2ªed. Campina Grande-PB: EDUFPG, 2016, 215p.

BASTOS, E. M.; CHAVES, M. E.; VIEIRA, F. J.; BARROS, R. F. M. Conhecimento botânico local em uma área de assentamento rural no Piauí, Nordeste do Brasil. **Gaia Scientia**, v.12 n.2, 2018, p. 12-33.

BENNETT, B.C.; PRANCE, G.T. Introduced plants in the indigenous pharmacopeia of Northern South America. **Rev. Economic Botany**, n.54, 2000, p.90-102.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política nacional de práticas integrativas e complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso** / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 96 p.

BRITO, M. F. M.; LUCENA, R. F.P; CRUZ, D.D. Conhecimento etnobotânico local sobre plantas medicinais: uma avaliação de índices quantitativos. **Interciencia**, v. 40, n. 3, 2015, p.156-164.

CARVALHO, J.S.B.; MARTINS, J.D.L.; MENDONÇA, M.C.S.; LIMA, L.D. Uso popular das plantas medicinais na comunidade de Várzea, Guaranhos-PE. **Rev. de Biologia e Ciência da Terra**. v.13, n. 2, 2013, p.58-62.

COSTA, M. A. G. **Aspectos etnobotânicos do trabalho com plantas medicinais realizado por curandeiro no município de Ipiranga, SP**. Botucatu: Dissertação apresentada a faculdade de ciências agrônômica da UNESP- campus Botucatu, 2002, 134p.

CPRM - Companhia de Recursos Minerais. **Diagnóstico do município de Cuitegi estado da Paraíba**/ Organizado [por] João de Castro Mascarenhas, Breno Augusto Beltrão, Luiz Carlos de Souza Junior, Frankdlin de Moraes, Vanildo Almeida Mendes, Jorge Luiz Fortunato de Miranda. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

DATASUS, **Mortalidade Infantil**: Ministério da Saúde, Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde - DATASUS 2014.

DATASUS. **Internações por diarreia**: Ministério da Saúde, DATASUS - Departamento de Informática do SUS, IBGE, Estimativas de população residente DATASUS 2014.

FERREIRA, L. B.; RODRIGUES, M. O.; COSTA, J. M. Etnobotânica das Plantas Medicinais Cultivadas nos Quintais do Bairro de Algodão em Abaetetuba/PA. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v10, n 3, 2017, p. 220-372.

FIEBIG, G. Á. PASA, M. C. As plantas medicinais na comunidade Passagem da Conceição, Mato Grosso, Brasil. **Advances in Forestry Science**, v. 5, n. 1, 2018, p. 237-248.

GOIS, M.A.F.; LUCAS, F.C.A; COSTA, J.C.M; MOURA, P.H.B.; LOBATO, G. DE J.M. Etnobotânica de espécies vegetais medicinais no tratamento de transtornos do sistema gastrointestinal. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Campinas, v.18, n.2, 2016. p.547-557.

GOMES, T. B.; BANDEIRA, F. P. S. F. Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola no Raso da Catarina, Bahia. **Acta Botanica Brasilica**, v. 26, n. 4, 2012, p.796-809,

GOMES, T. M. F.; LOPES, J. B.; BARROS, R. F. M.; ALENCAR, N. L. Plantas de Uso Terapêutico na Comunidade Rural Bezerro Morto, São João da Canabrava, Piauí, Brasil. **Gaia Scientia**, v11, n.1, 2017, p.253-268.

HANAZAKI, N.; GANDOLFO, E.S.; BENDER, M.G.; GIRALDI, M.; MOURA, E. A.; SOUZA, G.C.; PRINTES, R.; DENARDI, M.; KUBO, R.R. Conservação biológica e valorização sociocultural: explorando conexões entre biodiversidade e sociodiversidade. In: ALVES, A.G.C.; SOUTO, F.J.B.; PERONI, N. **Etnoecologia em perspectiva: natureza, cultura e conservação**. Recife: NUPEEA, 2010, 275p.

HAVERROT, M. Os desafios da pesquisa etnobotânica entre povos indígenas. In: SILVA, V.A.; ALMEIDA, A.L.S.; ALBUQUERQUE, U.P. **Etnobiologia e Etnoecologia: pessoas e natureza na América Latina**. Recife: NUPEEA, 2010, p.133-141.

IBGE, **Densidade demográfica**: IBGE, Censo Demográfico 2010, Área territorial brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 201. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/cuitegi/panorama>. Acesso em 20 de outubro de 2017.

BGE, **Salário médio mensal dos trabalhadores formais**: Cadastro Central de Empresas 2015. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/cuitegi/panorama>. Acesso em 20 de outubro de 2017.

KUBO, R.R; TERME, C.M.; BASSI, J.B.; SOUZA, G.C.; O tempo da construção de um trabalho: a pesquisa Etnobiológica gerando pesquisa-ação. In: ARAÚJO, T.A.S; ALBUQUERQUE, U. P. **Encontros e desencontros na pesquisa etnobilógica e etnoecológica: os desafios do trabalho de campo**. Recife: NUPEEA, 2009. 288p.

LEMOS, J. R.; ARAUJO, J. L. Estudo etnobotânico sobre plantas medicinais na comunidade de Curral Velho, Luís Correia, Piauí, Brasil. **Biotemas**, v. 28, n. 2, 2015, p. 125-136.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. Nova Odessa, Plantarum, 2002.

LUCENA, R. F. P.; MEDEIROS, P. M.; ARAÚJO, E. F.; ALVES, A. G. C.; ALBUQUERQUE, U. P. The ecological apparency hypothesis and the importance of useful plants in rural communities from Northeastern Brazil: An assessment based on use value. **Journal of Environmental Management**, v.96, n.1, 2012, p.106-115.

MACÊDO, D. G.; RIBEIRO, D. A.; COUTINHO, H. D.; MENEZES, I. R.; SOUZA, M. Práticas terapêuticas tradicionais: uso e conhecimento de plantas do cerrado no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas**, v.14, n.6, 2016.

MAIA, E.A.; FRANCISCO, J.; PIRES, T.; MANFREDI-COIMBRA, S. O uso de espécies vegetais para fins medicinais por duas comunidades da Serra Catarinense, Santa Catarina, Brasil. **Rev. de Biologia e Ciência da Terra**. v.11, n. 1, 2011, p.54-74.

MARÍN, E. A. **Dinâmica e transmissão cultural do conhecimento etnobotânico em uma comunidade rural da região semiárida da Paraíba**. (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente-PRODEMA/UFPB, 2014, 82p.

MARTINS, E. S. S; COSTA, J. C. Importância relativa das plantas medicinais comercializadas nas feiras dos municípios de Paulo Afonso-BA, Delmiro Gouveia-AL e Petrolândia-PE. **Opará: Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação**, v. 4, n. 5, 2016, p. 63-80.

MEDEIROS, M.F.T. **Etnobotânica histórica: princípios e procedimentos**. Recife: NUPEEA/ Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2009, p84.

MING. L.C. Ensino da etnobotânica. In: KUBO, R.R.; BASSI, J.B.; SOUZA, G.C.; ALENCAR, N.L.; MEDEIROS, P.M.; ALBUQUERQUE, U.P. **Atualidade em Etnobiologia e Etnoecologia**. Nupeea/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2006. 200p.

MOREIRA, A. F. A natureza em perspectiva: reflexões sobre saberes ecológicos locais e conhecimentos científicos. In: ALVES, A.G.C.; SOUTO, F.J.B.; PERONI, N. **Etnoecologia em perspectiva: natureza, cultura e conservação**. Recife: NUPEEA, 2010, 275p.

MOREIRA, R. C. T. et al. Abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. **Acta farmacêutica bonaerense, riqueza e compartilhamento de conhecimento botânico tradicional sobre plantas medicinais?** Recife-PE: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2012. 109 p.

MOSCA, V. P.; LOIOLA, M. I. B. Uso de plantas medicinais no Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. Mossoró: **Revista Caatinga**. v.22, n.4, 2009, p.225-234.

MOTA, R.S.; DIAS, H. M. Quilombolas e recursos florestais medicinais no sul da Bahia, Brasil. **Interações (Campo Grande)**, v. 13, n. 2, 2012, p. 151-159.

MOURA, P. H. B.; LUCAS, F. C. A.; TAVARES-MARTINS, A. C. C.; LOBATO, G. D. J. M.; GURGEL, E. S. C. Etnobotânica de chás terapêuticos em Rio Urubueua de Fátima, Abaetetuba-Pará, Brasil. **Biotemas**, v. 29, n. 2, 2016, p. 77-88.

MS, MINISTÉRIO DA SAÚDE-BRASIL. **Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília: MS, 2009. 136 p.

NERI, G. F.; OLIVEIRA, T. L.; OLIVEIRA, V. J. D. S.; BRITO, N. M. Uso de Plantas Medicinais nas Unidades de Saúde da Família do Alto Sobradinho e Cocão do Município de Santo Antônio de Jesus-BA. **Ensaio e Ciência: C. Biológicas, Agrárias e da Saúde**, 2018, v.22, n.1, p.58-62.

OLIVEIRA, F. C. S.; BARROS, R. F. M.; MOITA NETO, J. M. Plantas medicinais utilizadas em comunidades rurais de Oeiras, semiárido piauiense. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 12, n. 3, 2010, p.282-301.

OLIVEIRA, F. C.; ALBUQUERQUE, U. P.; FONSECA-KRUEL, V. S.; HANAZAKI, N. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. **Revista Acta Botanica Brasilica**, v. 23, nº 2, 2009. p.590-605.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. **Estrategia de la OMS sobre medicina tradicional 2014-2023**. Catalogación por la Biblioteca de la OMS, 2013. Disponível em:http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/95008/9789243506098_spa.pdf;jsessionid=BAE4555AAB726FB27C190E7728B900F7?sequence=1. Acesso em 17 de maio de 2017.

PELLEGRINO, N.S.L. **Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola de Coremas, Paraíba-PB, Brasil**. (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA/UFPB, João Pessoa, 2015, 59p.

PEREIRA, B. E.; DIEGUES, A. C. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. **Desenvolvimento e Meio ambiente- Editora UFPR**. n.22, 2010, p. 37-50.

PINTO, E.P.P; AMOROZO, M.C.M; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica-Itacaré, BA, Brasil. **Acta botanica brasilica**, n.20, v.4, 2006, p. 751-762.

PIRES, M. J. P. **Aspectos históricos dos recursos genéticos de plantas medicinais**. Rodriguésia, 1984 p. 61-66.

REZENDE, H. A.; COCCO, M. I. M. A utilização de fitoterapia no cotidiano de uma população rural. **Rev. Esc. Enferm. USP**. v36 n3, p. 283-292.

RIBEIRO, D. A.; MACÊDO, D. G.; OLIVEIRA, L. G. S.; SARAIVA, M. E.; OLIVEIRA, S. F.; SOUZA, M. M. A.; MENEZES, I. R. A. Potencial terapêutico e uso de plantas medicinais em uma área de Caatinga no estado do Ceará, nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v.16, n.4,2014, p. 912-930.

RODRIGUES, A. P.; ANDRADE, L. H. C. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais utilizadas pela comunidade de Inhamã, Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 16, n. 1, 2014p. 721-730.

ROQUE, A. A.; ROCHA, R. M.; LOIOLA, M.I.B. Uso e diversidade de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (Nordeste do Brasil). **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 12, n.1, 2010, p. 31-42.

ROSSATO, S.C.; LEITÃO-FILHO, H.F.; BEGOSSI, A. Ethnobotany of caiçaras of the Atlantic Forest Coast (Brazil). **Economic Botany** v.53, n.4, 199, p. 387-395.

SANTOS, A. L. DA S.; PEREIRA, E. C. G.; ANDRADE, L. H. C. A construção da paisagem através do manejo dos recursos naturais e a valorização do etnoconhecimento. In: ALBUQUERQUE, U. P. DE; ALVES, A. G. C.; ARAÚJO, T. A. de S (orgs.). **Povos e paisagens: etnobiologia, etnoecologia e biodiversidade no Brasil**. Recife: NUPPEA/UFRPE, 2007. p. 62-73.

SANTOS, A., ARAÚJO, M., SOUSA, R., LEMOS, J. Plantas medicinais conhecidas na zona urbana de Cajueiro da Praia, Piauí, Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v.18, n. 2, 2016, p.442-450.

SANTOS, R. S., MOTA, L. H. S., MARQUES, B. C., REIS, L. B., SILVA, C. F., LIMA, D. A. C., AMOR, A. L. M. Uso regular de plantas medicinais para fins terapêuticos em famílias residentes na zona rural de Santo Antônio de Jesus–Bahia–Brasil. **Journal of Health & Biological Sciences**, v.5, n.4, 2017, 364-370.

SANTOS-LIMA, T. M.; SANTOS, D. R.; SOUZA, R. M., BASTOS, N. G.; SANTOS, M. A. V. D.; NUNES, E. S.; LIMA, A. G. D. Plantas medicinais com ação antiparasitária: conhecimento tradicional na etnia Kantaruré, aldeia Baixa das Pedras, Bahia, Brasil. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Campinas, v18, n1, supl. I, 2016, p.240-247.

SILVA, A. S. S. **Etnoconhecimento sobre plantas medicinais e inter-relações com o meio ambiente na comunidade do Catu, Canguaretama (RN, Brasil)**. (Dissertação de Mestrado) Natal: Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente-PRODEMA/UFRN, 2018.81p.

SILVA, L. E.; ALBUQUERQUE, U. P. AMARAL. W. Uso sustentável da biodiversidade e conservação de recursos naturais. **Guaju**, v. 3, n. 1, 2017. p. 2-10. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/guaju/article/view/53845>> Acesso em 20 de novembro de 2017

SILVA, S; ANSELMO, MARIA DA GLÓRIA VIEIRA, DANTAS, W.M., ROSA, J. H.; NUNES, E. N., SOARES, J. P., ALVES, C. A. B. Conhecimento e uso de plantas medicinais em uma comunidade rural no município de Cuitegi, Paraíba, Nordeste, Brasil. **Gaia Scientia**. v.8, n. 1. 2014, p.248-265.

SIQUEIRA, B. V.; SOARES, B. E., DE OLIVEIRA, D. R.; SAKURAGUI, C. M. The regionalization of medicalized vernacular names of medicinal plants in Brazil. **Scientometrics**, n.110, 2017, p.945-966.

SOKAL, R.R.; F.G. RHOLF. **Biometry**. Freeman and Company, New York. 1995.

SOUSA, C.G.; ARAÚJO, B.R.N.; SANTOS, A.T.P. Inventário etnobotânico de plantas medicinais na comunidade de Machadinho, Camaçari-BA: Porto Alegre: **Revista Brasileira de Biociências**. v. 5, n 1, 2007, p.549-551.

STEENBOCK, W. Etnobotânica, conservação e desenvolvimento local: uma conexão necessária em políticas do público. In: KUBO, R.R.; BASSI, J.B.; SOUZA, G.C.; ALENCAR, N.L.; MEDEIROS, P.M.; ALBUQUERQUE, U.P. **Atualidade em Etnobiologia e Etnoecologia**. Nupeea/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2006. 200p.

VÁSQUEZ, S.P.F., MENDONÇA, M. S. NODA, S. N. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. **Acta Amazônica**, v 44, n 4, 2014, p 457 -472.

VENDRUSCOLO, G. S. **Estudo etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais por moradores do Bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul**. Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Botânica da UFRGS, 2004. 276p.

VENDRUSCOLO, G. S.; MENTZ L. A. Estudo da concordância das citações de uso e importância das espécies e famílias utilizadas como medicinais pela comunidade do bairro, Ponta Grossa, Porto Alegre, RS, Brasil, *Rer. Acta bot. bras.* v.20, n.2, 2010, p.367-382.

VENDRUSCOLOSO, G. S.; MENTZ, L. A. Levantamento etnobotânico das plantas utilizados como medicinais por moradores do bairro Ponta Grossa, Porta Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Rev. Iheringia, Sér. Bot.** v. 61, n 1-2, 2006, p.83-103.

VIANA, V. M. (Org). **Comunidades tradicionais e manejo dos recursos naturais da Mata Atlântica**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB, 2004. p.9 -22. Disponível em:<http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/Comunidade%20Tradicionais001_4.pdf> Acesso em 12 de novembro de 2017.

VIEGA JUNIOR, V.F.; PINTO, A.C. Plantas medicinais: cura segura? **Revista quim. Nova**, v 28, n3, 2005, p.519-528.

YOUNG, K. J. **Ethnobotany**. (The green world), 2006, p121.

ZAR, J.H. **Bioestatistical analysis**. Prentice-Hall, London,1996

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa comprovou que os moradores das comunidades possuem conhecimentos e utilizam as plantas medicinais, principalmente no tratamento primário de diversas patologias principalmente dos sistemas digestório e respiratório, sendo as folhas preferencialmente utilizada nas preparações dos chás em forma de decocção e infusão.

Há uma maior proximidade dos informantes com o cultivo das plantas de uso medicinal, em todas as residências analisadas pelo estudo que existem diversas espécies de cultivo pelos moradores das residências. Torna-se comum em estradas nas estradas vicinais o uso coletivo destas espécies medicinais cultivadas pelos informantes por todos membros da comunidade.

Diante do cenário observado na comunidade, constatou-se que os informantes têm uma ligação maior no cuidado com as plantas e também com a conservação do ambiente local. Principalmente em manutenção de espécies para os usos medicinais.

Notou-se, que o uso de plantas medicinais assume grande valor e importância na vida destas pessoas, pois, em virtude de muitos fatores ligados ao conhecimento entre as famílias, além da relação com os grupos mais jovem a relação das plantas serem naturais e que esse fator se relaciona diretamente a saúde e bem-estar, e identificou-se nas famílias o hábito de associar diretamente o uso das plantas medicinais a melhor qualidade de vida.

Espera-se que os resultados obtidos neste estudo sirvam como aparato teórico para o desenvolvimento de pesquisa de maior amplitude, que busquem consolidar as informações relativas às espécies medicinais além de valorização cultural e associada ao desenvolvimento das comunidades rurais, de modo a contribuir para um maior engajamento dessas comunidades no que diz respeito à valorização do conhecimento tradicional e conservação dos recursos naturais. Além de contribuir com informações científicas para os futuros estudos etnobotânicos tendo em vista a conservação dos recursos naturais.

ANEXO

Anexo A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título da pesquisa: **CONHECIMENTO BOTÂNICO LOCAL DE PLANTAS MEDICINAIS EM UMA COMUNIDADE RURAL NO AGRESTE DA PARAÍBA (NORDESTE DO BRASIL)**

Orientação: Prof^a. Dra. Kallyne Machado Bonifácio (PRODEMA/UFPB)

Prezado (a) Senhor (a)

A pesquisa que senhor (a) está preste a participar é um estudo para a elaboração de uma dissertação de Mestrado que será apresentado para instituição de ensino superior a Universidade Federal da Paraíba Campus I, João Pessoa-PB, ao curso de de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente-PRODEMA/UFPB. O estudo não visa nenhum benefício econômico para os pesquisadores ou qualquer outra pessoa da instituição. Com o objetivo de registrar os usos das plantas medicinais utilizadas pelos moradores da comunidade do Sítio Palmeira, Cuitegi (Paraíba, Nordeste do Brasil). Identificar a importância das plantas medicinais para os moradores da comunidade; comparar o elenco das plantas medicinais de acordo com o os usos e importância e avaliar o processo de transmissão de conhecimento dentro da comunidade. O estudo emprega técnicas de entrevistas e conversas informais, sem causar danos ou prejuízos as participantes. Caso a Senhor (a), concorde em tornar-se parte dessa pesquisa, serão convidadas a participar das entrevistas e ajudar os pesquisadores a coletar as plantas e mostrar, como as usam no seu dia a dia. Todos os dados coletados de sua colaboração serão organizados de maneira a proteger a sua identidade. O estudo não relacionará seu nome às informações obtidas. A senhor (a), tem total liberdade para se retirar da pesquisa a qualquer momento. Caso deseje participar, assine, por favor, seu nome abaixo, indicando que leu e compreendeu a natureza do estudo e que todos os seus questionamentos foram respondidos.

Nome

Endereço

Assinatura do Participante (a)

Assinatura do pesquisador:_____

Anexo B- Formulário Etnobotânico**1. Identificação**

Local: _____

Data/Hora: _____

Identificação: _____

Nº Gravação (se houver): _____

Nome completo: _____

Idade: _____ Apelido: _____ Tempo de Residência no

Local: _____

2. Socioeconômico

Renda Familiar: _____ Renda Pessoal: _____

Ocupação(ões): _____

Grau de Escolaridade:

Analfabeto [] | Semi-analfabeto: Apenas escreve o nome [] apenas lê [] lê e escreve com dificuldade []

Fundamental: [] Incompleto (_____) [] Completo

Médio: [] Incompleto (_____) [] Completo

Superior: [] Incompleto (_____) [] Completo

Habitação: Própria [] Alugada [] Outra situação []

3. Questões Gerais:

1. Sobre a flora local.

1.1 Quais plantas ocorrem aqui?

1.2 Quais usos são atribuídos a cada uma?

1.3 Você utiliza essas plantas? Quais?

1.4 Qual dessas plantas prefere utilizar das citadas?

1.5 Onde é coletada e se cultiva?

1.6 Onde é cultivada?

1.7 Quais servem para fins medicinais e todos os seus detalhes (pessoas)?

- Qual parte utilizada?

- Modo de Preparo?

- Contra indicação?

- Tratar qual tipo de doença?

1.8 Você aprendeu com quem esse conhecimento? Ensina a alguém?

1.9 Esse uso da planta você pratica atualmente ou apenas conhece e sabe de seu Potencial utilitário (pergunta para todas as categorias)?

2.0 Você pode informar se na comunidade existe um grande especialista em plantas?

2.1 O senhor (a) prefere usar o remédio de farmácia ou caseiro?

2.2 Qual a atuação dos agentes de saúde?

2.3 Quando senhor (a) tá doente procura um especialista local
